

Índice

Informações Gerais | 02

Métodos e abordagens | 06

Interação, participação da turma ao longo das aulas | 85

Desenvolvimento processual e acompanhamento individual | 90

Desenvolvimento e impacto das aulas sobre a turma | 93

Avaliação coletiva com a turma | 98

ANEXO 1 | 105

1. INFORMAÇÕES GERAIS

Estrutura do cronograma de formação:

- 13/05/2023 | Boas-vindas Apresentações institucionais, da equipe e da turma. Apresentação do tema e da programação
- 20/05/2023 - 22/07/2023 | Laboratórios: nove encontros presenciais aos sábados divididos em cinco eixos temáticos (Percurso; Corpos; Conceitos; Materialidades e Agenciamentos)
- 24/06/2023 e 01/07/2023 | Aula baile: dois encontros com pista, ritmo e fluxo. O primeiro encontro fechado comandado pelo DJ Renan Valle e o segundo encontro aberto ao público com a instalação artística “*Dia de Baile*” de Allan Weber e os convidados DJ Renan Valle e DJ Vicx.
- Acompanhamentos | cinco encontros presenciais de acompanhamento coletivo.
- Acompanhamentos individuais | Dois encontros de acompanhamento individual com a curadoria para cada artista residente - divididos em duas rodadas. Os encontros foram realizados entre o período de 05 de junho a 19 de julho de 2023.
- Acompanhamentos com Produção/Curadoria | Dois encontros realizados com a produtora Automática e o curador Jean Carlos Azuos nos dias 28 de julho e 05 de agosto de 2023.

Educadores, artistas e coletivos convidados

Allan Weber

Anapuaka Tupinambá

Bernardo Magina

Clarissa Diniz

Guetto Run Crew

Karen Santos

Marcelo Campos

Rafael B Queer

Renan Valle

Wallace Lino

Educadores da equipe ELã

Anna Luisa

Breno Chagas

Gilson Plano

Jean Carlos Azuos

Marjorie

Natália Nichols

Marisa Melo

Luiza Melo

TURMA ELÃ 2023

Agatha Maria

Aline Peres

Bruno Lyfe

Ciana

Guilherme Kid

Idra Maria

Joelington Rios

Malvo

Mapô

Mayra

Melissa Oliveira

Myllena Araujo

Preta QueenB Rull

Roberta Holiday

Tainan Cabral

2. MÉTODOS E ABORDAGENS

Descrição:

Análise crítica e comparativa de cada professor realizada por meio de observação presencial, e caso seja necessário, por meio de relatos da turma.

Principais objetivos:

Avaliar pedagogicamente as aulas e estratégias de cada professor e os respectivos impactos gerados na turma. Este relatório pode auxiliar futuramente na orientação de professores e colaboradores do projeto.

ELÃ 2023 | 1º Encontro | Boas vindas, reconhecimento do espaço e apresentação institucional

A aula inaugural da edição ELÃ 2023 ocorreu em 13 de maio e contou com a participação da equipe do Observatório de Favelas, bem como das equipes de coordenação e educação do Galpão Bela Maré. Composta por quinze artistas residentes, neste encontro, a turma de 2023 teve a oportunidade de conhecer a história do projeto, bem como as turmas e exposições das edições anteriores.

O primeiro momento do encontro foi dedicado às apresentações, começando pelos selecionados para a edição de 2023. A coordenadora do projeto, Natália Nichols, partindo da pergunta "Que pista vocês nos deixam hoje para a ELÃ conhecer um pouco de vocês?", convocou o grupo a participar de uma dinâmica de reconhecimento e apresentação pessoal. Provocados pelo tema PISTA RITMO FLUXO, os residentes iniciaram uma apresentação de suas trajetórias biográficas, relacionando o tema às suas pesquisas artísticas em curso.

Seguindo o fluxo das apresentações, a equipe que torna o projeto possível falou sobre as expectativas do Galpão Bela Maré para a edição da ELÃ deste ano. Começando pela coordenadora do projeto, Natália Nichols, que enfatizou a importância da diversidade como metodologia; Gilson Plano, coordenador do Galpão Bela Maré, discorreu sobre a importância de ver a concretização de um sonho e expressou sua visão de que os processos de formação são dispositivos de exposição, nos quais se deve considerar a importância de construir novos espaços de arte.

Avaliação pedagógica

Neste momento, apresentam-se os apoiadores do Observatório de Favelas, a produtora automática e o curador Jean Carlos Azuos.

Ela considera a Elã um caminho que conecta arte e território, visando criar novos paradigmas de potencial que rompam barreiras e ampliem o alcance artístico, que, na contemporaneidade, é limitado para muitos. Desse modo, as trajetórias individuais dos artistas se entrelaçam com a potência coletiva, fortalecendo o desenvolvimento institucional do Observatório de Favelas. Complementando as palavras de Isabela, Thiago ressalta a oportunidade de utilizar as narrativas individuais para conceber projetos que impactem o território e abram portas para mais acessibilidade.

O curador Jean Carlos enfatiza que o projeto dá significado à jornada do Galpão nos últimos anos, assim como o trabalho dos artistas dá sentido à curadoria. Jean propõe a questão: "Que horizontes podemos construir? Que cena artística queremos criar? Aqui é um terreno, a Elã é apenas uma parte de algo maior. É algo imensurável."

Não caberia aqui incorporar todas as falas emitidas pelos apoiadores do projeto, mas cabe destacar que, de maneira geral, essas falas ressaltam a importância da ELÃ e do Galpão Bela Maré no seu compromisso com a construção de uma cena artística contemporânea engajada em questões sociais e na abordagem de temas que permeiam nossa sociedade, necessitando cada vez mais de visibilidade. Isso visa construir uma cultura afro-diaspórica conectada às realidades de diversos artistas que lidam com questões de gênero, sexualidade, identidade e território.

Avaliação pedagógica

Após a apresentação das equipes, inicia-se uma fase técnica e burocrática para sanar e esclarecer dúvidas comuns a todos os residentes. Essas dúvidas incluem o cronograma e planejamento do projeto, a bolsa auxílio, a alimentação, a frequência e a exposição final.

O momento de apresentação foi um sucesso, e a transparência e o compromisso do projeto com seus residentes foram fundamentais para isso. O projeto antecipou-se na resolução de questões e dúvidas comuns, além de elaborar estratégias que aproximassem os residentes da proposta formativa da instituição.

No que diz respeito ao cronograma e planejamento, a coordenação busca práticas que tornem o processo mais proveitoso através da experiência e do conteúdo, pois os encontros são baseados na troca dialógica. O corpo docente apresentado está alinhado com as metas de descentralização do circuito artístico.

Como o projeto visa tanto o desenvolvimento coletivo quanto individual, foram planejados encontros de orientação com a curadoria que contribuirão para o desenvolvimento prático dos residentes. Além disso, foi estabelecido um compromisso entre os artistas e a escola, que inclui pontualidade, frequência e participação como parte da contribuição para o projeto.

Os quinze artistas expressaram satisfação com o cronograma de eixos do projeto, pois o currículo abrange diversas linguagens e a diversidade dos participantes. Isso se mostrou uma ferramenta valiosa para os corpos políticos que têm grandes expectativas em relação a essa formação. Durante o intervalo, o grupo demonstrou estar coeso e satisfeito, sentindo-se respeitado e acolhido como artistas. Eles descreveram o Galpão

Avaliação pedagógica

como "um local formativo com responsabilidade social e política, que tem como objetivo multiplicar conhecimento".

A bolsa auxílio e a alimentação foram consideradas importantes para a permanência dos residentes, sendo vistas como estratégias de apoio. Houve comparações com outros processos formativos, já que este era o primeiro contato com esse novo ambiente.

A segunda parte do encontro focou na explicação técnica e conceitual da Elã 2023. A apresentação começou com a exibição de curtas/vídeos de cinco minutos que demonstraram as produções finais das três últimas exposições, relacionando-as ao processo educativo que se desenvolve durante a residência, juntamente com a construção poética de cada artista. O grupo foi instigado por três questões: como esse grupo chegou até aqui? Como se envolverá no processo? Como sairá da Elã?

Os residentes receberam catálogos das exposições "Misturas" e "Ecologias do Bem-Viver", além de um texto sobre o tema conceitual do Galpão Bela Maré. Nesse momento, Luiza Melo e Marisa Melo compartilharam a história do Galpão, destacando sua parceria com a produtora Automática e a primeira edição da Elã em colaboração com a EAV Parque Lage, que resultou na exposição "Travessias". Elas enfatizaram que o trabalho do Galpão está intrinsecamente ligado ao processo educativo e que constantemente buscam estratégias para viabilizar projetos contínuos.

Natália Nichols explicou que o tema central deste ano se estende a partir da formação anterior, explorando como o espaço da favela pode construir confluências poéticas.. O tema conecta a busca por histórias, deslocamento e contribuições materiais e imateriais do conhecimento como um entre-caminho subjetivo.

Avaliação pedagógica

O curador Jean Carlos Azuos acrescentou que o Galpão pretende criar um diálogo de estratégias para navegar por essas pistas, compreendendo que conceitos complexos se abrem ao coletivo, gerando diálogos que permitem a subjetividade. Ele definiu a formação como uma abertura de encruzilhadas/caminhos que constroem estética e se abre à elasticidade poética por meio da diversidade de linguagens, que é uma estratégia de curadoria.

Após discutir o tema da edição, conhecer a história do Galpão e as edições anteriores da Elã, o grupo conheceu os espaços do Galpão junto à coordenadora do educativo, Anna Luisa.

ELÃ 2023 | 2º Encontro | Lab. Percursos - Vivência (1)

Maré Com Wallace Lino

O segundo encontro da Elã teve como foco o laboratório de percursos com x artist Wallace Lino. No primeiro momento, os participantes da residência foram convidados a uma imersão entre os pontos de importância na construção do projeto “A Noite das Estrelas”. Provocada pelo tema PISTA RITMO FLUXO, como uma proposta a pensar caminhos possíveis do fazer artístico e seus impactos sobre os espaços não institucionais, Wallace convocou um time de pessoas convidadas para conversar e apresentar suas vivências entre o complexo da maré, o projeto e a cena artística local.

Assim, o grupo partiu para uma caminhada pelo território. O primeiro ponto de parada foi na casa da artista Dominick di Calafrio, onde ela apresentou sua família, compartilhou um pouco de sua trajetória como artista autodidata na região, discutiu suas influências artísticas e destacou a importância daquele momento em sua vida. O encontro com Dominick teve um impacto significativo nos residentes, não apenas pela oportunidade de ouvir sobre o processo de formação artística e seu impacto na Noite das Estrelas, mas também porque estavam na Maré e foram convidados a entrar na casa de uma moradora. Eles foram calorosamente recebidos pela família da artista, que até preparou um almoço com uma panela de feijão.

Embora não tenham permanecido para almoçar, essa proximidade trouxe uma perspectiva nova para o processo de formação. Ela destacou a importância de cuidar das relações coletivas e a relevância de apoiar e valorizar a representatividade das pessoas trans na cena artística, bem como o respeito que isso implica, tendo um impacto direto em suas vidas cotidianas e em suas famílias.

Avaliação pedagógica

Após esse encontro, os residentes percorreram as ruas da comunidade, imersos nos estímulos sensoriais do local: o aroma de comida que emanava das casas, o barulho das motos, o riso das crianças brincando e os sons vindos das caixas de som. Além disso, chamou a atenção a curiosidade dos moradores em relação ao grupo. Eles seguiram até o segundo ponto de parada, a Praça da Nova Holanda.

Ao chegarem à praça, Wallace justificou a escolha do local como ponto de encontro para a formação devido à sua representação simbólica. Ele compartilhou a história que atribui importância ao espaço, que foi o local da primeira associação de moradores da Maré. Essa associação, conhecida como chapa-rosa, dedicou-se a pôr fim à guerra do tráfico que assolava a região e limitava a circulação dos moradores entre os espaços. Na década de 1980, após chegar a um consenso que encerrava a guerra, os moradores, incrédulos, foram surpreendidos por uma grande faixa rosa estendida em frente à associação com a inscrição: "A guerra acabou e ninguém acreditou". Para marcar esse momento, realizou-se uma cerimônia na qual as armas foram colocadas no chão, simbolizando uma era de paz. Após esse episódio, o local foi aterrado e transformado em uma praça.

Com a chegada da residente Roberta - que precisou de um meio de transporte alternativo acompanhada pela coordenadora Natália Nichols - Wallace apresentou as pessoas convidadas nesse ponto do percurso. Isso incluiu Matheus Affonso, coordenador de comunicação, design, fotografia e vídeo da Noite das Estrelas, além de ser fotógrafo do jornal "Imagens da Maré", e a artista Milú, moradora da Maré, artista e ex-residente do Elã Ecologias do Bem Viver.

Avaliação pedagógica

A conversa teve início com a artista Milu compartilhando sua pesquisa e seu campo de atuação artística, que engloba dança, corpo, performance e teatro, e como esses aspectos se relacionam com sua participação na residência da Elã em 2022. Como artista local, ela destacou a importância de ter um espaço cultural e formativo no território, pois isso abre oportunidades para a capacitação da comunidade. Milu explicou que essa experiência a capacitou a desenvolver trabalhos com uma nova metodologia, expandindo suas opções de material artístico e possibilidades de atuação, graças às oportunidades, recursos e espaço oferecidos pela residência.

Ela também compartilhou sua experiência na materialização do projeto apresentado na exposição final da edição em que participou. Sua instalação, chamada "Cantinho Ancestral", foi profundamente ligada ao processo formativo, mas, acima de tudo, à sua própria vida. O projeto começou a partir do afeto e da ancestralidade, como uma maneira de se afastar da dor comum que muitos artistas negros compartilham. Inicialmente, a intenção era representar uma casa, mas evoluiu para criar um espaço que simboliza circulação de ar e vida saudável.

A formação a levou por diferentes caminhos, incentivando-a a buscar materiais comuns e cotidianos que pudessem compor sua instalação. No final, ela compartilhou que viveu intensamente todo o processo formativo e que a sensação de realizar e materializar sua ideia artística continuou a impulsionar suas produções após a Elã. Sua participação na residência ajudou na conceituação e na escolha de materiais para projetos futuros e a impulsionou a enxergar possibilidades em lugares inesperados, bem como a entender o que deseja trazer e desenvolver como artista no mundo.

Avaliação pedagógica

Matheus deu continuidade à conversa, compartilhando sua relação com o projeto "A Noite das Estrelas". Ele focou em apresentar seu trabalho fotográfico, exibindo algumas de suas fotos e explicando a construção conceitual por trás de cada imagem. O convidado enfatizou como a captura de momentos importantes na comunidade pode se transformar em uma narrativa memorial capaz de contar a história por meio das imagens. Ele falou sobre seu início como artista fotográfico e sua conexão com o território, destacando os limites e as possibilidades desse meio artístico.

Além disso, Matheus discutiu a importância e o impacto da fotografia como uma ferramenta para construir narrativas capazes de transformar a cultura periférica por meio de representações positivas. Sentados na praça, os residentes tiveram a oportunidade de observar algumas fotografias e jornais que exploravam a relação entre imagem e território, integrando-se ao tema da Elã, que aborda pistas, ritmos e fluxos, além de temas como afeto, amor e comunicação, representação LGBTQIAPN+ e a importância das mães. Matheus também mencionou seu trabalho com séries de fotos.

O terceiro e último ponto do trajeto foi a Escola de Samba Gato de Bonsucesso, onde os residentes se sentaram em círculo e tiveram a oportunidade de conversar com uma das pioneiras do espetáculo, Marcela Soares, conhecida como Pantera. Ela compartilhou sua trajetória de vida, um momento emocionante para todos os residentes, e falou sobre a importância que o movimento teve em sua vida, impulsionando-a a trabalhar na promoção da saúde das pessoas transexuais. Marcela destacou a necessidade de cuidados de saúde, especialmente em relação à saúde mental.

Avaliação pedagógica

A artista explicou que aquele local foi palco de grandes momentos para a comunidade LGBTQI durante a década de 1980, ressaltando como esse movimento foi fundamental para a promoção da vida das mulheres trans na Maré. Pantera também recordou como as relações naquela época, embora difíceis, se desenrolaram de maneiras únicas, e manter-se viva e feliz era o ponto de partida para a luta por direitos e espaço. Segundo ela, as travestis representavam algo novo, algo a ser conhecido, despertando o interesse de toda a comunidade.

O espetáculo trazia alegria e união entre os moradores, além de proporcionar segurança e liberdade para as pessoas LGBTQI envolvidas. Era um lugar para compartilhar histórias, ser ouvido e acolhido, mobilizando o coletivo e a comunidade para colaborar com o evento, desde a oferta de alimentos e roupas até a disponibilização de locais para os shows e recursos de transporte para participar de batalhas em outras comunidades.

Marcela Soares enfatizou a importância do movimento retornar agora como uma homenagem, percebendo que "A Noite das Estrelas" é um marco na memória dos moradores mais antigos da Maré. Ela acredita que compartilhar essa história com a nova geração é crucial para manter viva a memória da luta das pessoas LGBTQI e promover a conscientização sobre o futuro da comunidade em suas relações na diversidade. Marcela expressou sua felicidade ao perceber que a sociedade atual está mais engajada em garantir os direitos das pessoas trans, o que a faz sentir que não está sozinha.

Avaliação pedagógica

Após o percurso, o grupo retornou ao Galpão, onde Wallace começou a apresentar o trabalho de pesquisa que resultou no espetáculo "A Noite das Estrelas". Ele explicou a construção narrativa, que se baseou em mídias e memórias recebidas pelo elenco, destacando que as fotografias refletem as memórias do movimento LGBTQIAPN+ na comunidade. Wallace também compartilhou a história da formação do concurso, abordando tanto seu financiamento quanto sua estrutura, destacando seu impacto cultural no território. Ele enfatizou a importância de acessar a rua e caminhar pelas ruas da comunidade, sentindo-se respeitado(a).

Wallace considerou o projeto não como uma retomada, mas como uma homenagem e uma extensão do que já existe e permanece vivo. Para ele, o projeto nunca realmente chegou ao fim, pois continua a reverberar nas vidas das pessoas que participaram de sua construção. Ele o vê como uma continuidade, como um fluxo onde tempo e espaço se entrelaçam como espelhos da memória.

Para saber mais sobre o espetáculo "A noite das Estrelas" acesse: [<https://entidademare.com/noite-das-estrelas/>](https://entidademare.com/noite-das-estrelas/)

O Laboratório Percursos proporcionou um ambiente de deslocamento e aproximação para os residentes, destacando o encontro com Wallace Lino como o mais significativo devido à sua proximidade e conexão com o território. Esse encontro deixou uma memória afetiva nos artistas, que se sentiram conectados por um senso de pertencimento e presença. Eles mencionaram com carinho Dominique e sua mãe, e como essa experiência os fez perceber a vida cotidiana, considerada "comum", como parte integral de seu processo de formação. Nesse momento, perceberam que a Elã

Avaliação pedagógica

representava um novo espaço de formação, onde todos podiam ver a vida acontecendo de maneira simples e impactante. Essa experiência foi marcante por sua simplicidade e profundidade, representando uma dinâmica de trocas significativas.

A abordagem da memória em uma perspectiva de tempo diferente também foi importante para os residentes, pois conhecer a luta das pessoas LGBTQI na comunidade em outra época fez com que percebessem que todos estão inseridos em um movimento contínuo de resistência, não apenas pela sobrevivência, mas também pela celebração da vida em coletivo e alegria.

Wallace demonstrou compromisso com o planejamento, proporcionando aos residentes uma imersão na produção cultural local, na arte como luta política e no pertencimento como ferramenta de transformação. O convite a outras pessoas envolvidas no movimento também destacou a importância do trabalho coletivo na realização de grandes transformações.

Em resumo, o encontro atingiu com sucesso seus objetivos, com uma dinâmica bem planejada entre a experiência de caminhada pela comunidade, a roda de conversa com as artistas e a explicação final sobre o conceito e a ideia por trás do movimento. Também promoveu uma maior aproximação entre os residentes, que se mostraram participativos e interessados durante todo o percurso.

No entanto, em termos de acessibilidade, o encontro revelou limitações, uma vez que a caminhada coletiva pela comunidade foi um ponto essencial do processo formativo, e a residente Roberta não pôde participar devido a questões de mobilidade. Portanto, é necessário prestar atenção à criação de dinâmicas que permitam a participação completa de todos, independentemente de suas necessidades específicas.

ELÃ 2023 | 3º Encontro | Lab. Corpos com Karen Santos e Afrofunk Acompanhamentos 1

O terceiro encontro da residência do Elã teve como eixo o laboratório de corpos. A princípio o encontro seria com a artista Taísa Machado, mas por questões familiares ela não pode comparecer. Em seu lugar contamos com a participação de Karen Santos, que ficou responsável pela aula de Afrofunk. O encontro começou com a apresentação da convidada e as suas várias atuações no campo da dança, mesclando com sua trajetória pessoal de mãe, mulher negra e favelada como definido por ela e as implicações que isso trouxe em sua atuação profissional.

Durante a aula de Afrofunk, Karen Santos destacou a importância de reconhecer as raízes africanas presentes na música e na dança, especialmente no contexto do funk brasileiro. Ela ressalta como o ritmo do funk incorpora elementos da cultura africana e afro-brasileira, criando uma conexão profunda com as origens ancestrais.

Ao explorar os diferentes ritmos e batidas do funk, Karen convida os artistas a sentir as nuances e influências musicais que moldaram esse gênero ao longo do tempo. Ela enfatiza que a dança, especialmente os "passinhos" e o "rebolado", são expressões culturais que transcendem o individual, tornando-se manifestações coletivas, muitas vezes chamadas de "bonde".

O "passinho" é destacado como uma forma específica de dança dentro do contexto do funk, e o "rebolado" é visto como uma maneira de expressar-se e libertar o corpo, celebrando a sensualidade e a individualidade de cada dançarino. Karen Santos incentiva os participantes a explorar esses movimentos de maneira autêntica, encorajando a autoestima e a aceitação do próprio corpo.

Avaliação pedagógica

A conversa entre Joelington, Karen e o grupo de artistas revela uma série de reflexões importantes sobre a relação entre o funk, o corpo e a cultura. Joelington destaca a conexão intrínseca entre o funk e o corpo, mencionando especificamente o rebolado e sua relação com a pelve. Karen concorda, enfatizando como essa conexão se baseia na busca de prazer, tanto físico quanto emocional, através da dança.

A comparação que Joelington faz entre o funk e o reggae também é interessante. Ele percebe o funk como mais sexual em comparação ao reggae, que ele vê como mais sensual. Essa perspectiva ilustra como diferentes gêneros musicais podem evocar diferentes tipos de sensualidade e como a música se relaciona com a cultura e a identidade de diferentes regiões.

A discussão sobre o rebolado como um ritual ancestral sugere que essa forma de dança pode ter raízes profundas na cultura afro-brasileira. Isso leva a uma reflexão sobre a demonização do funk e como ele é frequentemente estigmatizado devido à sua expressão corporal. A menção das artistas femininas do funk, como Deize Tigrona, Tati Quebra-Barraco, Carol de Niterói, MC Katia e MC Nem, destaca a importância das mulheres na ressignificação desse gênero musical. No entanto, Ciana levanta a questão dos limites impostos pela cultura da sexualização e a dualidade entre empoderamento e objetificação das mulheres negras no funk. Essa é uma discussão crucial sobre como a música e a dança podem ser veículos de empoderamento, mas também podem ser utilizados de maneira prejudicial.

Em resumo, a conversa entre Joelington, Karen e o grupo de artistas nesse momento destaca a complexidade das relações entre música, corpo e cultura, levando a

Avaliação pedagógica

reflexões profundas sobre o papel do funk na sociedade brasileira e as questões de gênero e identidade que estão interligadas com ele.

A discussão destaca a importância do funk não apenas como um gênero musical, mas como um movimento cultural que resgata aspectos sociais e subjetivos da comunidade negra, promovendo a valorização da beleza, liberdade e identidade. O baile funk é visto como um espaço de refúgio e expressão, mas Karen também ressalta a desigualdade de acesso às ferramentas que podem dar visibilidade a essa comunidade.

A questão da visibilidade midiática e os desafios relacionados à apropriação material e imaterial do funk são discutidos, com o caso do DJ Renan Valle sendo citado como exemplo. Isso levanta preocupações sobre os direitos autorais e a exploração da cultura do funk pela indústria musical.

No aspecto educacional, Karen destaca o potencial do passinho como uma base para o desenvolvimento cultural nas comunidades periféricas, especialmente entre as crianças. A importância de disputar a narrativa cultural do funk, fortalecendo a autoestima e a identidade negra por meio da instrumentalização do corpo, é enfatizada como uma estratégia poderosa.

Nesse momento, Karen pede para que o grupo dance uma música de maneira livre e após a conversa termina com a educadora falando sobre a importância de disputar a narrativa cultural do funk a partir da instrumentalização do corpo e da identidade negra; trazendo autoestima. Assim, se abre o debate para perguntas. Guilherme Kid vê a questão da dança como um espaço de desvalorização aos dançarinos na cena cultural e pergunta se as mídias sociais auxiliam no protagonismo. A educadora responde que pensa a performance como uma estrutura visual que precisa de dançarinos, mas apesar disso, politicamente e institucionalmente ainda não são valorizados.

Avaliação pedagógica

A discussão se estende para o papel das mídias sociais no protagonismo dos dançarinos. Embora as mídias sociais tenham ajudado a dar visibilidade à cena cultural do funk, ainda há desafios em relação ao reconhecimento e valorização dos dançarinos como profissionais. Marjorie levanta a questão das interseções nos diversos campos da arte, questionando se isso ocorre com facilidade no campo da dança. Karen observa que o campo da dança muitas vezes é fechado, mas também destaca a importância de gerar riscos e buscar novos caminhos. Ela vê a dança não apenas como uma técnica, mas como um sentimento, e acredita que o afrofunk tem um impacto significativo como uma modalidade inovadora que incorpora elementos de diferentes estilos de dança.

Destaca a complexidade e a importância do funk como um movimento cultural que aborda questões de identidade, visibilidade, educação e arte, e como o afrofunk se destaca como uma forma inovadora de expressão que transcende fronteiras tradicionais da dança: pensa a dança como sentimento e as ordens e sequências técnicas como algo que gere para além de tudo diversão, por isso diz que o afrofunk tem impacto como modalidade inovadora onde se tem a transformação da modalidade pela interação com o meio pensando o estudo das conexões do corpo e os vários estilos de dança que tem o funk.

Encerrado o momento de perguntas, Karen convida os residentes para uma dinâmica. Nesse momento é necessário três passos, sendo estes: 1) pensar e sentir a música; 2) trabalhar a concentração; 3) dançar e apresentar. Pede para que os participantes sigam o fluxo e sintam a energia passar pelo corpo.

Os residentes começam a dinâmica um pouco envergonhados, mas Karen puxa cada um até o espaço do centro e os orienta a dançar em modo “freestyle” com sensualidade. A dinâmica se desenvolve até um ponto de coreografia onde se forma

Avaliação pedagógica

um bloco ou bonde da dança para soltar os quadris com o rebolado. Os passos fluem através das fileiras se tornando divertido para os participantes - nesse momento os alunos do "Vai Fazer Arte" se juntam ao grupo da Elã - Karen diz ser esse o principal objetivo: contato e diversão. Com a música os passos foram se tornando organicamente ritmados e em fluxo. A coreografia final ficou excelente e o ritmo flui por todos os espaços do Galpão, sendo contagiante.

A dinâmica proposta por Karen parece ter sido uma experiência intensa e enriquecedora para os participantes, embora alguns tenham enfrentado desafios durante o processo. Agatha sentiu uma dificuldade em participar da dinâmica e se afastou. Embora tenha tentado acompanhar o ritmo, disse não se sentir confortável para continuar e preferiu observar. Além dela, outros dois participantes (Malvo e Roberta) também se sentiram desconfortáveis depois de um tempo. Talvez o tempo prolongado e a velocidade da dança - a coreografia foi dividida em cinco partes se tornando um desafio a cada ponto de avanço - possam ter limitado as condições de participação de ambos. Isso destaca a importância de respeitar os limites individuais reconhecendo também que a dança é uma forma de expressão que pode não ser confortável para todos.

Apesar disso, a orientação e o incentivo de Karen ajudaram a criar um espaço seguro para a expressão, fazendo a dinâmica evoluir de uma forma que permitiu que os participantes se sentissem mais à vontade com o tempo.

A criação de um "bonde da dança" e a sensação de diversão que acompanhou a coreografia final mostram como a dança pode unir as pessoas e criar uma atmosfera de alegria e conexão.

Avaliação pedagógica

Ao final do encontro, abriu-se uma roda de conversa para refletir sobre o dia de aula. As reflexões dos participantes após a aula de dança são profundas e destacam a importância de conectar corpo e mente, reconhecendo o corpo como uma memória cultural e a cultura do funk como uma herança da comunidade negra. Refletem sobre o corpo e as várias formas de dançar e sentir e como permitir se conectar com o corpo é necessário para se reconectar com a ancestralidade. A comparação entre o funk e o samba, bem como a percepção de intelectualidade no funk por parte de Guilherme Kid, ressaltam a complexidade e a riqueza desse gênero musical.

Karen expressa sua gratidão pelo convite e pela participação/interação de todos. Enfatiza a mensagem de poder do afrofunk e a prática ancestral do rebolado. Sua contribuição parece ter sido valiosa para os participantes, inspirando reflexões sobre identidade, cultura e dança. Essa experiência certamente deixou uma marca duradoura e inspiradora para todos os envolvidos.

Acompanhamentos 01

A dinâmica proposta para a segunda parte do encontro de sábado, envolve a apresentação e compartilhamento de três objetos que definem o projeto ou trabalho final no primeiro encontro de acompanhamento coletivo. Os residentes distribuíram os objetos em cima da mesa e antes do início da dinâmica os artistas já conversavam entre si sobre os significados de cada objeto, criando um ambiente de curiosidade e colaboração.

A coordenadora Natália Nichols explica a natureza da dinâmica onde a proposta de não se apresentar por meio de um portfólio, mas sim por meio de objetos pessoais, torna a dinâmica mais íntima e pode revelar aspectos mais profundos sobre as motivações e

Avaliação pedagógica

interesses de cada residente de forma mais pessoal e significativa. Essa abordagem pode ajudar a construir conexões mais fortes entre os participantes e a inspirar colaborações e ideias para seus projetos futuros.

- **Joellington Rios.** A apresentação de Joellington Rios, com seus objetos representados por um livro de fotografias de seu Quilombo, uma cabaça e uma fotografia, parece profundamente pessoal e carregada de significado. Cada objeto revela aspectos importantes de sua identidade e perspectiva artística.

O artista fala da importância do livro de fotografias, onde viu imagens de si fora do quilombo pela primeira vez, e destaca a importância da fotografia como uma tecnologia que preserva o tempo e a história. Fala da cor azul como devoção espiritual e da cabaça como um ponto de mudança em sua linguagem artística.

O curador Jean Carlos Azuos intervém relacionando a saída do arquivo à captura da imagem e apropriação da imagem, destaca a questão da autoria e como o artista se torna um sujeito ativo na interpretação e adaptação de sua própria imagem.

Fala da visualidade do trabalho que chega antes do artista e da importância de imagens que falam, onde a arte muitas vezes é percebida pelo público antes mesmo de o artista compartilhar suas intenções. Diz que a cor azul da cabaça e da fotografia podem ter uma interpretação política de racialização da cor poderosa ao pensar sujeitos e objetos azul como submundo além do que se pode ver.

Tainan Cabral mostra curiosidade com o aprofundamento monocromático de Joellington na cor azul em contraposição ao seu próprio trabalho policromático que enxerga nas cores as possibilidades, espaços e lugares pelas implicações históricas e políticas.

Avaliação pedagógica

- **Tainan Cabral** diz que seus objetos definem sua personalidade artística: um livro sobre o Rio de Janeiro, um frasco de lança-perfume com uma intervenção autoral e uma fotografia/ilustração da sua obra em andamento (objeto de desejo dos cria - bolsa de luxo); explica a escolha dos objetos como uma oportunidade de apresentar seus processos. Fala sobre o frasco de lança-perfume como uma forma de comunicar as coisas que causam medo e explica sua relação com as cores e a rua.

A escassez de cores na cidade, a cidade cinza - espaço da cidade a qual pertence e que só conhecia - o levou a pintar como forma pessoal, pelo processo de fazer até chegar a um resultado que o relacionasse com esse mundo a fim de ressignificá-lo.

Tainan diz estar focado em criar algo autêntico e original a partir da transformação das coisas ao longo do tempo, incorporando sua própria intervenção. Sua abordagem artística é profundamente ligada à sua experiência na cidade e à sua busca por significado e conexão com seu ambiente, as cores e com as pessoas que o habitam. Compartilha que seu interesse na arquitetura é uma forma de treinar o olhar para o cotidiano a fim de perceber as sensações. Na procura de algo que pudesse chamar de seu despertou seu interesse sobre o lugar onde mora, sobre o sertão carioca documentados por fotos e ilustrações que exploravam a beleza da natureza botânica agora extinta desse lugar.

Natalia Nichols explica alguns conceitos sobre transferência e apropriação usando Duchamp como exemplo, fala sobre os objetos que falam, coisas simples que comunicam o cotidiano das coisas.

Tainan finaliza a apresentação falando sobre o encontro entre pesquisa, linguagem e objeto: enxerga nas coisas sentido à existência a partir das cores, assim as cores

Avaliação pedagógica

extraem as sensações dando sentido a comunicação que busca na troca com as pessoas.

Preta QueenB Rull - A terceira pessoa a apresentar seus objetos é Preta. Ela traz consigo um microfone, uma foto de uma apresentação e um pincel de maquiagem. Preta explica que a escolha desses objetos reflete sua jornada como artista na performance. O microfone representa sua atuação como drag, a foto do show guarda a memória da interação com o público, enquanto o pincel simboliza a maquiagem como ferramenta de transformação. Esses objetos personificam o poder intrínseco ao ato de se metamorfosear e também destacam sua inspiração em Rafael B. Queer.

Preta discute a importância da alegria como elemento unificador da vida, guiando as trajetórias individuais. Jean Carlos Azuos acrescenta que os objetos de Preta revelam a materialidade inerente à arte e afirma que "a arte, como um campo expandido, adota a performance como área de interesse". O curador explica que a construção da performance incorpora diversas mídias de forma transdisciplinar, aproximando as materialidades que são incorporadas pelo corpo. Os objetos tornam-se tecnologias de transformação, carregando consigo a subjetividade da interpretação. O microfone não é apenas um instrumento de canto, mas também um veículo de voz e poder.

Guilherme Kid - O artista apresenta seus objetos, que consistem em um pincel, uma camisa com uma impressão de seu trabalho autoral e a faixa de campeã da escola de samba Grande Rio. O pincel simboliza a ferramenta que possibilita a expressão artística e a identidade do artista. A camisa representa sua proposta de popularizar seu trabalho, indo de encontro à ideia de exclusividade artística. Ele explica que seu trabalho visa tocar o coração das pessoas, evocando nostalgia e potência. Acredita que

Avaliação pedagógica

seu trabalho está profundamente ligado ao samba, e, portanto, a faixa de campeã da escola de samba representa a vivência, a vida e o samba. Essas três palavras definem sua arte e contribuem para sua popularidade, inspirando outras pessoas.

*

A coordenadora Natália Nichols, abre uma discussão falando sobre a vibração e a circulação da arte popular como meio de transmitir informações para a periferia, confrontando o domínio do ocidentalismo europeu. Essa discussão leva a um questionamento sobre a definição de sucesso e a popularização da arte. Jean abre uma reflexão sobre os objetivos de sua prática artística, enfatizando a importância de negociar desejos para alcançar resultados significativos. Ele destaca que os processos artísticos merecem atenção, para que a mensagem política não se perca em busca apenas da estética como produto. Jean Carlos Azuos provoca a questão: a que grupo ele quer pertencer? Onde reside o sucesso? E a que preço se tornar influente no cenário artístico?

Dessa forma, emerge a discussão sobre a replicação e as escolhas e recusas que os artistas residentes terão que fazer ao longo de suas trajetórias. Mapô abre espaço para considerar a desvalorização e reprodução de algumas linguagens estereotipadas, principalmente nas artes visuais, onde a representação figurativa de corpos negros em seu cotidiano parece ter se transformado em um "fetiche" no circuito artístico do Rio de Janeiro. Nesse momento a apresentação se abre de forma generalizada, criando-se focos de discussões descentralizadas sobre a questão abordada. Os artistas refletem com seus pares sobre o circuito artístico e as formas de negociação para se manter em evidência/relevante.

Avaliação pedagógica

Roberta Holiday - Os objetos da artista são um DVD da cantora Lauryn Hill e um quadro de autorretrato. Ao apresentar esses objetos, a residente compartilha sua jornada como artista autodidata e as dificuldades que enfrentou ao afastar-se da arte devido a problemas de saúde pessoais. Ela destaca a relevância da Rede Nami em sua vida, pois essa organização possibilitou o recomeço de sua trajetória artística ao oferecer oportunidades para exibir suas pinturas figurativas no cenário artístico do Rio de Janeiro, incluindo exposições como o ArtRio.

A seguir, ela apresenta o quadro que acaba de concluir, explicando que seu trabalho aborda a afetividade e retrata os rostos das pessoas que ama, como sua família. Jean contribui para a discussão ao mencionar a relação das yabás com as pinturas de Roberta, destacando o espelhamento da artista nas nuances afro-religiosas.

Ele também aborda as possibilidades de caminhos artísticos e sugere Djanira como uma fonte de inspiração epistemológica, devido à liberdade em sua jornada artística e na expressão de sua arte.

Idra Maria - Idra é a sexta residente a compartilhar seus objetos, que consistem em um carretel de linha, uma gilete e uma bota. Ela explica que esses objetos estão profundamente ligados à sua história e à sua família, especialmente nas complexas relações entre família, igreja e violência.

O carretel de linha representa a origem de Idra, impulsionada por memórias afetivas que serviram como motores de construção de sua identidade, envolvendo elementos como imagem, vestuário e costura. Para Idra, a roupa e o estilo são meios de expressão pessoal, e as linhas que compõem sua trajetória a levaram a se descobrir como alguém muito diferente do que pensava ser ao longo de sua vida.

Avaliação pedagógica

A gilete simboliza o que ela realiza por meio de suas performances, transmitindo todo o processo de pesquisa e transformação, especialmente no contexto do "Manifesto transpofágico - tarantula". Ela enfatiza como a gilete marca um ponto crucial em sua jornada artística, desafiando o imaginário sobre o corpo travesti e as travestis no contexto artístico. Idra compartilha a história da gilete como uma forma de autoproteção e fuga para os corpos travestis, o que influencia profundamente sua poética, centrada em sua vivência como travesti racializada.

A bota representa a cultura Ballroom e é uma parte essencial do figurino em suas performances relacionadas ao corpo ballroom e suas vivências. Idra destaca a importância da mamba negra em sua vida e trajetória artística. Ela enfatiza que tudo começa no corpo e que seu corpo está no cerne das interações entre vida, família e os encontros subterrâneos.

Jean contribui para a discussão ao destacar o papel fundamental das referências familiares como fio condutor e discutir a gilete não apenas como objeto de denúncia, mas também como uma fonte de possibilidades nas referências que se cruzam

*

Após a apresentação dos objetos por parte de seis residentes, o primeiro encontro de acompanhamento chega ao fim e os impactos dessa interação ressoam nas conversas paralelas que se desencadeiam. Esse encontro inicial, caracterizado por profundidade e reflexão, não apenas facilitou a aproximação entre a escola e os residentes, mas também estreitou os laços dentro do próprio grupo. Ao conhecer as pesquisas e

Avaliação pedagógica

interesses dos colegas, todos se aproximaram, resultando em discussões sobre as experiências compartilhadas durante o dia.

No entanto, é preciso atenção à gestão do tempo. Embora a apresentação contasse com treze residentes, apenas seis conseguiram apresentar. Talvez seja necessário considerar uma estratégia que promova a objetividade nas intervenções de cada participante, uma vez que não há um equilíbrio no tempo disponível para todos.

É importante considerar o desejo dos residentes em falar, compartilhar e explicar suas poéticas, mas é fundamental direcionar atenção ao tempo disponível, de modo a garantir espaço para a fala de todos os envolvidos.

**ELÃ 2023 | 5º Encontro | Lab. Corpos com Guetto Run Crew - O corre
| Acompanhamentos 2**

O encontro inicia com a sessão de acompanhamento coletivo. Aqueles integrantes que ainda não tiveram a oportunidade de apresentar seus objetos se reúnem ao redor da mesa, trazendo consigo os itens que desejam compartilhar com o grupo. É importante ressaltar que essa etapa de acompanhamento coletivo é essencial para promover a interação e o diálogo entre os residentes. Ela não apenas permite que aqueles que ainda não se apresentaram tenham a oportunidade de compartilhar suas experiências, mas também fortalece os laços entre os membros do grupo, criando um ambiente de troca de ideias e o enriquecimento mútuo.

Myllena - Os objetos da artista incluem mapas e projetos que estão em andamento, que representam reflexões sobre os cursos e percursos urbanos e a experiência corporal de descolamento da artista pela cidade. Há também um desenho de uma boca consumindo fofura e uma xilogravura.

Os objetos representam questões profundas relacionadas à mobilidade urbana e a cidade como palco de experiências complexas e muitas vezes desafiadoras pela maneira que afeta a percepção das pessoas sobre o ambiente vivido/experimentado.

Roberta contempla a ideia de deslocamento pela cidade e as dificuldades enfrentadas por certos corpos, que muitas vezes resultam em um estado de anestesia durante essa experiência cosmopolita.

*

Avaliação pedagógica

O grupo começa uma discussão sobre a precariedade dos transportes públicos, seu custo e os mecanismos que impedem e dificultam os deslocamentos pela cidade “Quem tem direito à cidade?”

Com o intuito de contextualizar o conceito trazido por Myllena, Jean fala sobre a importância do olhar/observar e promove uma reflexão sob uma outra perspectiva: observar as paisagens que são construídas e contempladas durante diversos percursos e trajetos.

O curador então, introduz a noção de passagens, mudanças e transformações/alterações dos espaços que são compartilhados. Ele questiona como essas mudanças de lugar podem influenciar as expressões artísticas, como o corpo se conecta com as tecnologias desses ambientes e como o mundo é percebido através de imagens, símbolos e o próprio corpo. Jean indaga sobre como somos impactados por esse mundo em constante mutação e provoca: *“Como você é atingido por esse mundo?”*

Dessa forma, Jean amplia a compreensão e traz outras dimensões das cidades, paisagens e cartografias, através dessas reflexões, o curador instiga o grupo a contemplar as transformações constantes que ocorrem no entorno e como essas mudanças podem influenciar as criações artísticas dos residentes e suas relações com o mundo, ao incorporar essas múltiplas dimensões ao trabalho artístico como recursos disponíveis do entorno *“para contaminar o trabalho com os materiais disponíveis em seu lugar”*. Ele ressalta que, mesmo ao seguir o mesmo trajeto, o caminho não é o mesmo, e desafia os residentes a pensar sobre os conflitos que impulsionam as migrações locais.

Avaliação pedagógica

Ciana - Ciana é a quinta residente a compartilhar seus objetos, que consistem em uma foto, um cabo RCA e uma pulseira. Ela explica cada objeto sequencialmente, começando pela foto, que simboliza uma sombra do espaço/tempo, evocando memória e a ideia de permanência no presente. Em seguida, aborda o cabo RCA como representante de seu trabalho, relacionando-o à ideia de “meio e caminho”, considera o objeto algo transformador. Ela faz uma conexão entre o cabo e o mar, mencionando as conexões e ligações dos fios no oceano, aludindo à diáspora e às interações humanas que transcendem fronteiras geográficas. O terceiro objeto, uma pulseira, representa afetos e relações em sua vida. Como seu trabalho lida com lembranças e momentos significativos, carrega a pulseira como um amuleto, já que foi um presente que tem valor sentimental. Os objetos revelam a profundidade das experiências pessoais da residente e como eles estão intrinsecamente ligados a suas memórias, identidade e trabalho artístico.

Mayra - Os objetos de Mayra consistem em uma foto, um colar de proteção e uma máscara de argila. Ela explica que a foto representa a memória, enfatizando a importância de compreender o passado para definir metas futuras e direcionar seu caminho. Por isso, ela aborda a noção de memória ancestral como elemento central. O segundo objeto, composto por sementes que evocam o som do rio, representa os caminhos, as confluências e as estratégias de sobrevivência que moldaram sua trajetória. Essa sobrevivência está intrinsecamente ligada à espiritualidade, refletida em rituais, costumes e crenças fundamentais em sua cultura de origem.

O terceiro objeto, uma máscara de cerâmica que representa o Deus da chuva, simboliza sua estadia no México e as conexões estabelecidas com seus parentes indígenas durante esse período. Durante sua residência no México, Mayra teve a

Avaliação pedagógica

oportunidade de expandir sua pesquisa, explorando temas como animais ancestrais, conceitos invertidos, ressignificações e a intenção de comunicar fluxos e ideias por meio de encontros.

O curador Jean Carlos Azuos observa que, além das narrativas, o trabalho de Mayra reflete a materialidade de uma paisagem selvagem, divindades e a passagem do tempo. Ele sugere as artistas Lidia Lisboa e Uyra Sodoma como possíveis referências a serem exploradas, pois suas obras abordam a representação da memória, do passado e do presente, que se conectam ao futuro de maneira espiralada e infinita.

Aline - A sétima residente, Aline, compartilha seus objetos: uma pichação em papel fotográfico com a frase “Seria o surto um momento de lucidez?”, uma carta de tarot (O Louco) e um rolinho de pintura. Ela também explora seus objetos a partir das lembranças familiares, mas com foco nos caminhos da mente. Com um interesse em psicanálise e psicologia, Aline utiliza a palavra "catarse" para definir sua pesquisa artística. A foto de sua pichação levanta a reflexão sobre se o surto pode ser visto como um momento de liberdade ou uma forma de libertação. A explicação da carta de tarot “O Louco” destaca como essa carta desempenhou um papel significativo em sua transição da arte figurativa para a arte textual. Aline diz que busca atingir a subjetividade das pessoas, especialmente aquelas que não têm acesso à arte institucional dos museus. Ela acredita que a rua é um cenário onde a arte flui sem barreiras burocráticas - andar na rua e ser atravessada pelas pichações - e por isso coloca suas frases em locais com grande fluxo de pessoas. Aline, por meio de seus objetos e sua pesquisa, desafia as fronteiras da arte convencional, questionando o que é considerado "normal" e provocando discussões profundas sobre a relação entre arte e psicologia.

Avaliação pedagógica

Joelington então inicia um debate sobre a loucura e o medo de enlouquecer. O grupo questiona os limites entre a arte e a loucura, explorando como a arte pode ser uma forma de expurgo. A coordenadora Natália Nichols menciona o teatro da crueldade e faz referência a Bispo do Rosário, desencadeando uma reflexão geral sobre as questões sociais e raciais relacionadas à loucura na sociedade.

Agatha Maria- A residente Agatha compartilha seus objetos, que consistem em um caderno de desenho (sketchbook), uma cerâmica em formato de seu umbigo e o livro de Jota Mombaça “Não vão nos matar agora”.

Durante a apresentação de seus objetos, Agatha aborda a ideia de memória, especificamente a memória das encruzilhadas. Ela enfatiza a importância de lembrar das *coisas que são importantes*, de reconhecer suas origens. Escolheu compartilhar o livro e o caderno de rascunhos porque considera os movimentos de fuga e a criação artística como uma estratégia de vida. A artista acredita ser necessário criar possibilidades e sua abordagem vai além, tocando em temas de luta, onde é crucial manter-se viva tanto fisicamente quanto mentalmente.

Jean faz referência ao caso "Colmeia" e interpreta a cerâmica criada por Agatha como um amuleto sagrado, devido às profundas reverberações de significado e símbolo do umbigo. Essa reflexão conduz o grupo a uma discussão mais ampla sobre a imagem, o corpo, os afetos e o uso da imagem dos corpos criminalizados. Eles exploram como esses corpos são apropriados e utilizados na representação, bem como as complexidades que envolvem o amor e a apropriação na arte.

Avaliação pedagógica

Malvo - Malvo é o último residente a compartilhar seus objetos, que consistem em um desenho em uma capa de caderno e um livro biográfico de Heitor dos Prazeres.

O residente apresenta um capítulo da biografia de Heitor dos Prazeres, mencionando que este é o primeiro livro que ele leu. Ele destaca como o livro o ajudou a entender como sua arte é categorizada pelas pessoas como "arte NAIF". Embora sempre tenha questionado essa classificação, após se familiarizar com as obras de Heitor dos Prazeres, ele ficou impressionado com as semelhanças. Malvo reconhece que seu trabalho, de forma inconsciente, guarda relação com as obras do artista.

Ele também compartilha como objeto uma capa de caderno que tem um significado especial de memória, pois foi o primeiro suporte em que ele desenhou. Malvo expressa o desejo de nomear e situar seu trabalho artístico de forma adequada, embora ele não se considere um artista "naif" - vê essa categorização como algo político que reduz a complexidade das disputas artísticas - opta por usá-la como uma estratégia de estudo.

Malvo busca encontrar seu lugar no mundo da arte, enquanto reconhece a importância de compreender e dialogar com as tradições artísticas que o precederam.

O encontro de acompanhamento chega ao fim, trazendo reflexões sobre o lugar de legitimação que a arte contemporânea ocupa e as dificuldades enfrentadas pelos artistas ao buscarem autenticidade em seus estilos e estéticas. Natalia Nichols, coordenadora da Elã, conclui a atividade e lamenta que, devido ao cronograma, os residentes que não puderam apresentar seus objetos não terão mais essa oportunidade. Ela compartilha informações sobre os próximos encontros, destacando especialmente o encontro seguinte, e lança a provocação "o que você quer mostrar agora?". Natalia propõe um exercício no qual cada residente deve trazer uma

Avaliação pedagógica

experimentação, trabalho, rascunho ou materialidade que deseja compartilhar com a Elã, com o objetivo de criar aproximações entre diferentes linguagens artísticas.

Após o encerramento do encontro de acompanhamento coletivo, o grupo se organiza para participar de uma aula externa com o Gueto Run Crew. De acordo com o combinado, o grupo participará do laboratório de corpos ativados pela corrida, seguido por um momento social com DJ, comida e bebida. Uma van sai diretamente do galpão e segue para a sede do grupo em Engenho de Dentro. Esse momento se destaca pela diversidade de experiências que os residentes vivenciam, incluindo atividades externas que enriquecem sua jornada artística.

Guetto Run Crew - O corre

No primeiro momento do encontro, o coletivo Guetto Run Crew apresenta aos residentes o espaço chamado de *bunker* e/ou QG. A fim de proporcionar uma apresentação do ambiente com participação ativa e compartilhamento de experiências da turma, o coletivo convida o grupo a uma dinâmica de interação de expressão individual e a conexão com o espaço. A dinâmica se resume em deixar uma marca/lembrança no espaço sobre a vivência/experiência durante a estadia e ir trabalhando nessa arte-ocupação até o final do encontro, superfícies para ocupar a folha. O coletivo, então, disponibiliza para os artistas materiais de desenho/pintura distribuídos em uma mesa no salão principal como uma maneira prática de facilitar a participação de todos. Isso demonstrou um compromisso em tornar a experiência acessível e inclusiva para todos os residentes, independentemente de sua experiência/linguagem artística.

Avaliação pedagógica

O primeiro espaço apresentado é um ateliê aberto e coletivo, onde diversos artistas de diferentes regiões do Rio de Janeiro se reúnem para criar suas obras. Junior Negão faz um convite para que os participantes se sintam à vontade para ocupar esse espaço uma vez que a proposta do ateliê aberto/coletivo é se conectar uns com os outros.

O convite se apresentou como algo positivo para a turma, sendo uma maneira de estender a sensação de conexão que o movimento proposto pela Crew possui com a arte, a rua e a coletividade. Essa ação/convite possibilitou uma abertura e entusiasmo do grupo, transformando a visita em um momento acolhedor - onde os residentes se sentiram animados com a ideia de compartilhar suas práticas artísticas com o coletivo, quebrando o clima de diferença/hierarquia de cena artística cultural ao qual pertencem. Após a caminhada de reconhecimento pelo espaço, os residentes se reuniram em um espaço pensado pelo coletivo para o desenvolvimento do laboratório de corpos, onde se encontrava uma apresentação da trajetória e caminhada do guetto run crew.

Junior Negão começa a apresentação explicando às origens do grupo, que se autodenomina como “pixadores da rua”. Conectando a arte com a experiência vivida pelos membros do coletivo, o artista fornece aos residentes um contexto importante para entender a natureza e a intenção do coletivo ao mesmo tempo que faz relação entre as artes distribuídas pelo espaço. As artes pensam o percurso, itinerário e distância que a arte percorreu em relação ao grupo - com pessoas oriundas da baixada fluminense e zona norte.

A ideia/conceito do grupo - reunir todos os pretos para correr juntos, vestidos de preto nas ruas à noite, é claramente um movimento político-artístico. Essa intervenção político-artística-cultural teve como intenção e inspiração, uma resposta direta à violência policial que afeta desproporcionalmente as pessoas negras, mas também

Avaliação pedagógica

expressa um cuidado com a saúde que muitas vezes é negligenciada pelos *corres* do dia-dia.

Assim, correr em bloco, em bonde ou na “pista” aparece como um meio de resistência, um ato político/revolucionário que une arte e atividade física como forma de protesto e expressão política, ao mesmo tempo que se vestem de maneira simbólica para transmitir uma mensagem clara sobre a identidade e luta do Gueto Run Crew.

Para encerrar a parte da apresentação conceitual, o coletivo explica como conseguiu se inserir no circuito cultural e ganhar visibilidade. O grupo teve que passar por várias negociações e estudos para se consolidar de forma institucional e competir por editais de fomento à cultura, o que foi fundamental para conseguir ressignificar as movimentações da cultura urbana. Junior Negão fala que a partir dos fluxos das ruas, o Gueto Run Crew encontrou um espaço ativo na cena local e na produção cultural promovendo a cultura urbana e suas expressões, falou sobre a importância de “visto”, pois a visibilidade trazida pelas movimentações da rua, possibilitou que as grandes marcas chegassem até o nome do guetto a fim de fechar parcerias. Parcerias essas que impulsionaram e proporcionaram oportunidades de crescimento e desenvolvimento para o grupo.

O segundo momento se desenvolve na prática experimental do “Corre”. O grupo se reúne para colocar em prática a atividade sugerida pelo coletivo: viver uma experiência de arte política que se materializa no corpo, despertando um senso de coletividade política e artística fundamentado na luta antirracista.

Em frente ao QG da Gueto Run Crew, nesse instante ocorre uma ativação em que o grupo se abraça para canalizar a energia de todos os envolvidos. Posteriormente, o

Avaliação pedagógica

grupo parte para correr pelas ruas do Engenhão. Não pude participar dessa dinâmica, pois permaneci no QG com a residente Roberta, que não se sentiu confortável para se juntar ao grupo. Apesar de ter explicado suas limitações, houve várias tentativas do coletivo de persuadi-la a participar, o que fez com que ficasse se sentindo constrangida devido às inúmeras investidas.

Ao retornarem, o grupo se reúne para compartilhar a experiência. Todos expressam sentir uma espécie de êxtase, percebendo seus corpos ainda respondendo ao estímulo da dinâmica. Uma opinião comum entre eles é que se sentem mais vivos e nunca havia encarado a ação de correr como algo relacionado não apenas ao aspecto físico, mas também ao mental e criativo.

O encontro é encerrado com uma confraternização, durante a qual é compartilhado um momento de experiência com um DJ. O grupo demonstra estar bem integrado e participativo.

*

A primeira parte do encontro foi notável pelo excelente planejamento, desde a chegada até o início da atividade "corre". O coletivo demonstrou um forte compromisso em proporcionar ao grupo não apenas uma experiência expositiva, mas também uma experiência de experimentação em todos os momentos.

No entanto, o segundo momento da dinâmica revelou algumas limitações em relação à acessibilidade. Não foram previstas alternativas para a participação da residente Roberta, que optou por aguardar sozinha o retorno do grupo. Durante esse período, Roberta expressou sua insatisfação com a dinâmica e as abordagens centradas em "superar limitações". Portanto, no que diz respeito à acessibilidade, é essencial analisar

Avaliação pedagógica

com cuidado as propostas de aula que envolvam dinâmicas exigentes em termos de esforço corporal e mobilidade, enviadas pelos convidados, a fim de evitar constrangimentos e assegurar a participação efetiva de todos os envolvidos.

Em resumo, apesar das dificuldades de acessibilidade, o Laboratório de Corpos se revelou uma experiência potente que atendeu parcialmente às expectativas e objetivos estabelecidos. Os residentes tiveram a oportunidade de vivenciar a relação entre o corpo como performance artística e política, além de se envolverem em discussões que abordaram questões no circuito da arte, com foco principalmente na cultura de rua.

ELÃ 2023 | 4º Encontro | Lab. Conceitos com Marcelo Campos

O encontro com o convidado Marcelo Campos começa com uma breve introdução que destaca a importância da Elã no processo curatorial de exposições. O convidado então passa a explicar a dinâmica do convite, propondo a exploração do laboratório de conceitos por meio de uma discussão sobre o texto "A cara do freio da blazer," abordando a perspectiva da arte afro-brasileira.

Marcelo compartilha um pouco de sua trajetória acadêmica, destacando sua conexão com as mobilidades, atravessamentos, percursos e fluxos que a edição da Elã 2023 propõe. Ele reflete sobre a carência de discussões nas instituições de ensino de arte formal e explora a elaboração do sistema de signos institucionais e sua relação com a subjetividade. Nesse contexto, ele discute a Semiótica e a interpretação dos signos e símbolos, enfatizando que eles não se limitam ao passado, mas têm relevância no presente, nas relações não declaradas.

Ele relaciona sua vivência espiritual no candomblé como a força motora que o inspirou a repensar seu sistema de signos, resultando em uma pesquisa de campo na Bahia. Durante sua apresentação visual em PowerPoint, ele compartilha seu acervo de memórias, incluindo fotos de sua pesquisa de campo, nas quais explora as indumentárias do candomblé.

O convidado afirma que sua pesquisa busca reconhecer as experiências que vão contra seu processo de formação em arte em instituições de ensino formais. Ele descobriu a arte na cidade, nas ruas, nos signos e nas sacralidades que permeiam todos os lugares e passou a considerar a agência dos sujeitos que antes eram

Avaliação pedagógica

considerados apropriados, estudando agenciamentos para redirecionar as imagens de volta ao terreiro (reagenciamentos).

Ele explica que a mudança de paradigma no campo das artes em relação à hegemonia se deve ao pensamento relacionado à afro-brasilidade, especialmente na arte contemporânea. E a partir disso, passou a considerar as negociações e relações envolvendo a representação e figuração dos orixás no campo da arte. Mapô menciona o desejo de compreender as representações de Carybé e Pierre Verger. Marcelo explica que para compreender é crucial revisitar a história de Carybé, analisando sua iconografia dos santos e considerando-o o artista como um etnólogo. Ele relaciona a religiosidade, o totem e a identidade na arte contemporânea, enfatizando a importância de abrir possibilidades para referências não canônicas na prática artística comprometida com as interseções/atravesamentos étnico-raciais.

Assim, Marcelo inicia uma apresentação visual baseada em uma genealogia histórica da arte e nos apagamentos dos artistas racializados. Ele destaca trabalhos realizados por pessoas negras para enriquecer o repertório e as referências bibliográficas dos participantes, incluindo artistas como Manoel de Araújo e Djanira. Ele contextualiza essa discussão, abordando como as referências bibliográficas utilizadas nas academias de belas artes contribuíram para o apagamento histórico da produção brasileira negra e afro diaspórica.

Ao abordar brevemente o texto, Marcelo menciona que sua criação foi resultado de uma colaboração com Igor O. Eles conceberam o "Freio da Blazer" como uma publicação afro-negra que emerge das discussões raciais durante uma revisão na EBA (Escola de Belas Artes), que questiona a separação entre arte e cultura popular. Marcelo acredita que essas discussões hierárquicas sobre referências bibliográficas

Avaliação pedagógica

refletem as relações da branquitude com a arte de grupos étnicos, influenciando como a sociedade enxerga a arte.

Para abordar a questão da sobrevivência nas instituições de ensino de arte contemporânea, Marcelo primeiro examinou as relações estabelecidas de colonialidade e violência, observando a interligação entre acesso, não identificação e método. Foi a partir deste contexto que o texto "A cara do Freio da Blazer" surgiu, originado de uma conversa com seu sobrinho. Marcelo percebeu que a identificação da juventude negra com o estilo de arte mencionado na música do MC L7 representa um reagenciamento e reconhecimento das violências compartilhadas. Esses agenciamentos internos estão intrinsecamente ligados às relações de lugar e espaço.

À medida que a apresentação se aproxima do final, inspirado pelo texto, o convidado aborda a questão da formalidade acadêmica e a divisão entre arte e sociedade.

Ele pondera sobre a importância das referências decoloniais como uma alternativa à perspectiva da arte e da sociedade moldada pelo viés da branquitude. Marcelo enfatiza que é crucial criar oportunidades para repensar uma forma de arte que seja racializada e que possa ser integrada aos estudos tradicionais das academias de belas artes - pois a história da arte ainda se vê dominada pela tradição que conserva a branquitude em todo o seu capital cultural. Marcelo também comenta que sua jornada - antes apresentada - começou com uma inquietação em relação à distância entre suas referências e sua prática artística. Ele destaca a importância de se autorreferenciar e desafiar a conservação da tradição de linguagem inacessível, que muitas vezes leva o artista ou pesquisador a se conformar com a institucionalização. Essa "quebra da

Avaliação pedagógica

conservação" é essencial para permitir que o artista/pesquisador transcenda as limitações impostas pela institucionalidade.

Roberta questiona qual é a maior dificuldade entre modificar e/ou criar instituições. Marcelo responde que é necessário elaborar movimentos e estratégias eficazes para superar os obstáculos do colonialismo, considerando o hiato como uma oportunidade de trabalho, trabalhando no abismo e confrontando-o. Ciana reflete sobre as estratégias de sobrevivência e enfatiza que o cinismo não deve ser confundido com passividade.

A discussão se estende para o campo dos direitos autorais, questionando a quem pertencem as representações e os agenciamentos. Considerando o patrimônio e a autoria, Mapo observa que artistas que não têm conhecimento sobre essas questões acabam sendo capturados e aprisionados por colecionadores. Marisa Melo sugere a realização de um encontro para discutir direitos autorais e questões jurídicas.

Em seguida, a conversa se volta para a internet como um território delicado em relação aos direitos autorais. Melissa compartilha sua experiência como artista visual e fotógrafa, destacando que suas fotos são replicadas nas redes todos os anos.

Jean sugere que uma estratégia é o artista se tornar o colecionador de sua própria obra, evitando assim ficar refém da colonialidade.

Marcelo finaliza a discussão enfatizando a importância de considerar o território nas representações artísticas contemporâneas e a necessidade de abordar referências que promovam a consciência racial. Ele ressalta que na contemporaneidade estamos vivendo sob outros cânones, tornando a referência metodológica ainda mais desafiadora, demandando um olhar crítico constante.

Avaliação pedagógica

A coordenadora Natália menciona o hip-hop como uma estética que explora os fluxos e os bailes, ultrapassando as fronteiras materiais, e destaca a importância de considerar a estética das ruas como um ponto de convergência e o próprio território como referência.

O encontro com Marcelo Campos, após uma intensa roda de conversa e debate, termina com uma reflexão sobre a racialidade e o consumo, abordando os perigos das categorias de consumo no campo da arte. Surgem questões sobre quem tem acesso e quem é cobrado, questionando se alguém é uma agência ou é agenciado e qual lógica está sendo usada.

O laboratório de conceitos foi um destaque no programa de formação da Elã e se revelou como uma ferramenta epistemológica que enriqueceu o repertório teórico e conceitual dos residentes. No campo bibliográfico, a discussão atingiu os objetivos pretendidos, introduzindo novas possibilidades e referências de artistas racializados, promovendo a reflexão sobre a produção da afro-brasilidade como força de mudança institucional.

Apesar de um início com pouco diálogo e mais escuta, o grupo mostrou-se engajado na aula conduzida por Marcelo Campos. O planejamento se desenvolveu naturalmente, atingindo um ponto em que todos os residentes compartilharam suas opiniões, dúvidas e contribuições. A discussão sobre o reagenciamento de símbolos/signos e o papel do artista como etnólogo, explorando as representações do que é considerado "popular" pela academia, despertou um interesse particular em Mapô, Mayra e Roberta.

Avaliação pedagógica

A reflexão sobre o campo da arte na sua forma institucional, com destaque para as relações de poder, também despertou o interesse da turma, que deseja participar e se inserir no circuito das artes.

Um ponto de atenção foi a duração da aula. Embora tenha abordado questões conceituais de forma abrangente, o tempo dedicado ao encontro não foi suficiente para os artistas residentes. Eles expressaram que a reflexão e a assimilação dos temas discutidos foram interrompidas por outra dinâmica de acompanhamento coletivo.

De fato, teria sido mais eficaz se fosse planejada uma dinâmica/encontro que conectava o primeiro momento com Marcelo ao segundo momento de acompanhamento, permitindo uma continuidade na exploração dos tópicos abordados.

Acompanhamentos 3

No segundo momento do encontro, foi realizada uma dinâmica de acompanhamento coletivo. Os residentes foram convidados a compartilhar elementos, rascunhos, pesquisas e experimentações relacionados aos projetos que desejavam apresentar na exposição final da Elã. O objetivo era observar as aproximações entre suas práticas artísticas, promovendo um diálogo entre diferentes poéticas e ideias.

Cada residente explicou sua escolha e a concepção por trás do material compartilhado. Em um círculo, todos os residentes colocaram suas contribuições no chão e, de forma coletiva, começaram a ajustar, aproximar e analisar cada ideia, projeto ou rascunho. Esse encontro proporcionou uma abordagem artística que permitiu aos residentes um processo criativo coletivo, tanto conceitual quanto material, para a exposição final.

**ELÃ 2023 | 6º Encontro | Lab. Conceitos com Anapuaka Tupinambá
Fluxo de comunicação e etnomídia | Aula Baile 1 com Renan Valle**

O encontro começa com a apresentação do convidado Anapuaka Tupinambá, que para o laboratório de conceitos, discutirá sobre comunicação e etnomídia.

"Nossa arte é comunicação. Nosso corpo é mídia." O convidado compartilha um pouco de sua trajetória, que inclui experiências marcadas por traumas e dores, utilizadas como formas de manifestação, bem como suas vivências territoriais. Ele também fala sobre seu engajamento como ativista do movimento indígena e na luta pela terra e demarcação. Dessa forma, ele encara a comunicação não apenas como um meio para expressar questões e causas locais, mas como uma forma de existência e poder. "Por que não temos nossa própria mídia?", questiona.

Assim, é importante refletir sobre a cultura, ou melhor, as culturas, como oportunidades para compreender a arte, a mídia e a comunicação em um contexto mais amplo, enxergando a arte como uma ferramenta de economia e a etnomídia indígena como uma comunicação construída para a diversidade indígena, fortalecendo a educação e a política em seus territórios. A construção da memória e das narrativas é impulsionada pelos protagonistas indígenas após o avanço da tecnologia, reconhecendo que a comunicação é poder. Nesse contexto, Anapuaka apresenta a Rádio Jandé, onde ocorre um hibridismo e interação entre a aldeia e a cidade, utilizando uma linguagem comunicacional decolonial.

Anapuaka destaca que a etnomídia não se limita apenas a ferramentas tecnológicas de informação, mas é uma forma de comunicação que pode ser realizada por meio de

Avaliação pedagógica

qualquer ferramenta, exigindo, portanto, uma compreensão da arte para entender como a comunicação se desenvolve.

Continuando a apresentação sobre a Rádio Jandé, ele menciona que a rádio tem alcance em 185 países, com muitos acessos de interesse em plataformas de conhecimento relacionadas aos povos indígenas. Essa plataforma é moldada por uma visão cosmológica, onde a curiosidade se mistura com o processo artístico e espiritual, expandindo-se para o campo da inteligência artificial. Ela busca incorporar a ancestralidade no metaverso (Museu do Amanhã), que por sua vez está ligado à Pangeia e ao tecnoxamanismo, conectando diferentes continentes.

Anapuaka então discute como trabalhar com conceitos, destacando o longo processo conceitual por trás da instalação do Museu do Amanhã, que considera a energia do ambiente, o afeto como forma de lidar com a dor e a arte como uma ampla experiência que dá sentido a sentimentos individuais e coletivos.

O convidado então inicia uma interação e pede a cada pessoa presente que pense em uma comida afetiva de sua infância, visando trabalhar o afeto alimentar. Em sentido horário, os residentes começam gradualmente a interagir com Anapuaka e compartilham suas comidas preferidas: Mayra menciona banana e amora; Roberta menciona carne moída com purê; Joelington fala de galinha caipira com coco; Preta menciona bolo; Melissa menciona cuscuz, entre outros. Em seguida, surge a provocação: "Por que não construir produtos, serviços e ideias com afeto?"

Anapuaka explica que o primeiro princípio é identificar que tipo de experiência positiva desejamos compartilhar ou desbloquear por meio do afeto. A ideia, quando alimentada

Avaliação pedagógica

pelo amor, cresce. Ele também questiona para quem desejamos direcionar esses produtos ou serviços e quem queremos impactar: *Para quem eu quero entregar? Quem eu quero atingir?*

No segundo momento, Anapuaka pergunta: - Como começa o seu fluxo? Como você inicia seu processo criativo? Como criar conceitos?"

As respostas incluem:

- Melissa responde que sua criatividade começa com a visualização, a imagem das coisas. Ela relaciona o sentido com palavras-chave e dialoga até chegar a um ponto comum.
- Ciana diz que cria conceitos a partir do lugar do afeto, considerando diferentes deslocamentos e experiências no fazer e nas palavras.
- Preta afirma que sua inspiração surge ao olhar para suas raízes e, com base na musicalidade, pensa em maneiras diferentes de expressar (melodias).
- Bruno encontra inspiração na atenção e na atividade ao interagir com diversas informações.
- Tainan se inspira em respostas para o que o inspira.
- Idra descreve seu processo como visual, flashes do que deseja comunicar, como um interruptor que coloca em seu corpo para transcrever em palavras. Seu corpo é a palavra, o conceito.
- Joelington afirma que sua criatividade surge da confabulação e do sonho com o que gostaria de compartilhar. Isso gera visualidades, possibilidades e complexidades.
- Mapô fala sobre observar técnicas ancestrais, o gestual e a observação dos movimentos no cotidiano. Isso se transforma em manuais e espiritualidade.

Avaliação pedagógica

- Agatha destaca a importância da presença, vivência e observação para se sentir atravessada.
- Roberta menciona a experimentação, o fluxo e fazer acontecer os momentos.
- Myllena aborda o deslocamento, enfatizando a necessidade de parar para pensar e criar projetos que se materializam, incluindo o ócio criativo e fluxos de ação.

Construir projetos pensando em seus processos pode levar a arte a gerar produtos e serviços. Ele destaca o avanço da tecnologia como uma ferramenta capaz de auxiliar esses processos. Anapuaka enfatiza que esses processos têm raízes nas tradições indígenas - os processos originários são processos indígenas contando suas próprias histórias.

Nesse momento, ele apresenta uma playlist de trap indígena que está sendo reproduzida na rádio Jandé, descrevendo-a como uma tecnologia que cria uma ficção futurista, abraçando diversas identidades indígenas e construindo uma narrativa reflexiva por meio dos estilos que podem ser explorados (Calleb Arandu).

A partir da escolha de duas músicas, ele convida os residentes a um desafio de ideias: *"O que você criaria para os povos originários indígenas a partir de sua arte?"*

Depois que cada residente - aqueles que se sentiram à vontade para criar - expõe sua ideia, incluindo frases, escolas e projetos institucionais, o vencedor do desafio foi Tainan com a frase "tupiquepariu". Ele propôs essa palavra, considerando "originário" como uma referência àqueles que chegaram primeiro em nosso território, conhecido como Brasil, enquanto mescla e hibridiza as linguagens da arte de rua.

Avaliação pedagógica

O encontro com o convidado finaliza com uma roda de cântico tupinambá, que é uma oração de agradecimento e presença. A energia flui como uma potência entre os residentes.

O laboratório de conceitos proporcionou um ambiente organizado e interativo que desafiou os residentes da Elã a trabalharem o pensamento criativo criando estratégias sólidas para suas obras. O encontro conseguiu de forma prática ir além do aspecto teórico e técnico; promovendo energia e reflexão prática, capacitando os participantes a concretizar (materializar) suas visões e pensamentos.

Ao abordar os conceitos com ênfase na afetividade em alternância entre momentos de introspecção e exercícios práticos, demonstrou ser uma metodologia eficiente, habilmente aplicada por Anapuaka. Isso criou um ambiente onde os residentes se sentiram não apenas confiantes, mas também confortáveis para interagir e imergir na construção de suas ideias e conceitos, conseguindo manter um equilíbrio entre descontração e seriedade objetiva.

Além disso, a ênfase na comunicação e conexão interpessoal pela exploração do uso da tecnologia como uma ferramenta auxiliar para moldar os processos criativos e materializar as ideias representou, inquestionavelmente, um ponto alto de interesse dos residentes.

O laboratório não apenas instruiu, mas também inspirou, demonstrando criatividade e colaboração. A apresentação de referências indígenas e a ativação através da música emergiram como elementos adicionais que contribuiram para tornar a experiência essencial ao processo de formação dos residentes.

Avaliação pedagógica

* No decorrer deste encontro, a coordenadora Natália Nichols comunicou uma mudança no cronograma devido a conflitos de agenda com a curadora Clarissa Diniz. Como resultado, a aula originalmente planejada para 08/07 será dedicada à apresentação de um trabalho coletivo. Natália Nichols explicou que o exercício será baseado nas provocações e ideias que surgiram durante o encontro com Marcelo Campos.

O exercício proposto envolve a reflexão sobre referências bibliográficas e a reavaliação das influências artísticas - *Quais são as nossas referências?*. Cada grupo deve colaborativamente considerar as referências significativas que compartilham e, assim, criar um produto que compartilhe o processo criativo do trabalho conjunto.

Anna Luisa destacou o desafio de pensar em como o que é criado pode impactar e envolver outras pessoas. Ela ressaltou a importância das trocas e colaborações no desenvolvimento criativo em grupo, destacando como essas interações podem abordar temas íntimos e significativos para cada indivíduo.

GRUPO 01 - Melissa; Myllena; Ciana; Tainan e Aline.

GRUPO 02 - Roberta; Idra; Mapô; Agatha e Joelington.

GRUPO 03 - Guilherme Kid; Bruno Lyfe; Mayra; Preta e Malvo.

Avaliação pedagógica

Aula Baile 1 com Renan Valle

No segundo momento da aula, o convidado DJ Renan Valle falou sobre a história do funk e suas variações. Ele começou apresentando-se como um artista musical do Parque União, discutiu a criação da 150 BPM e destacou o funk como uma cultura da periferia. Em seguida, exibiu uma série de vídeos sobre o funk na comunidade da Maré e o impacto da pandemia de COVID-19, mencionando o apoio do projeto pela Redes Maré através de um edital de incentivo à cultura.

Através dos vídeos, DJ Renan falou sobre como os bailes geram economia para muitos moradores que trabalham com alimentação, vestuário e beleza. Ele enfatizou como a pandemia afetou drasticamente a renda de várias famílias, colocando à prova as recomendações de isolamento. O convidado compartilha que foi nesse momento que surgiu a ideia de realizar lives de funk durante a pandemia, atendendo à necessidade de diversão durante o isolamento. O DJ Renan criou uma setlist para compartilhar com os frequentadores dos bailes, o que gerou um movimento coletivo para ajudar as pessoas, não apenas fornecendo diversão, mas também apoio à saúde e alimentação. Esse movimento de promoção do bem-estar social através da memória afetiva do funk nos bailes demonstrou a importância da cultura local para a preservação da vida e da identidade.

Além disso, DJ Renan abordou a criminalização do funk e as consequências da violência policial na comunidade. Ele compartilhou sua própria experiência de ter perdido todos os seus equipamentos de trabalho devido à violência policial, questionando as diferentes abordagens do Estado em diferentes espaços.

Avaliação pedagógica

Ele provocou os residentes a refletirem sobre a falta de acesso à cultura e ao lazer em áreas tidas como marginalizadas e destacou a importância da diversão proporcionada pelos bailes em locais com altos níveis de desigualdade.

Nesse momento, o convidado discute os desafios enfrentados devido à criminalização e à repressão policial, ele considera essa repressão como racista as performatividades culturais da população negra, e apresentou a música "Favela é lugar de paz" como exemplo. Ele também abordou a questão dos direitos autorais e a falta de acesso à informação sobre registros musicais que prejudicou vários DJs e MCs ao longo da história do funk e expressou seu compromisso em garantir que o funk seja valorizado como cultura, por isso deseja ensinar às futuras gerações de DJs como proteger suas criações artísticas de acordo com as leis de direitos autorais.

Após essa discussão, DJ Renan começou a apresentar sua pesquisa sobre o funk como um gênero musical de luta e identidade, incluindo uma linha do tempo histórica. Ele discutiu a influência do grupo alemão Kraftwerk (na década de 1970) no hip-hop/rap, especialmente no uso de tecnologia e eletro-robótica.

Em seguida, DJ Renan falou sobre a história da criação dos bailes funks no Brasil e sua migração para as comunidades. Ele relacionou a performatividade de Afrika Bambaataa com a atualidade e respondeu a perguntas sobre a técnica do funk contemporâneo. Mapô relaciona a performatividade afrika bombadão com a atualidade e Guilherme Kid pergunta sobre a técnica do funk atual.

DJ Renan destaca que suas aulas exploram a memória musical e a versatilidade transformadora do funk, que moldou o ritmo até se tornar o que conhecemos hoje como "tamborzão". Ele conclui sua apresentação com um vídeo que traçou a história do ritmo

Avaliação pedagógica

a partir do festival de galeras da Cidade de Deus, Zona Oeste do Rio de Janeiro, destacando a importância dos instrumentos de percussão e enfatizando a conexão do funk com a ancestralidade.

Finalmente, DJ Renan começa a experiência de baile, convidando todos os residentes para dançar e sentir a presença do funk em sua forma rítmica, conectando-se com a ancestralidade do corpo. Os participantes formaram grupos e desfrutaram da dinâmica antes de encerrar o encontro.

O encontro com DJ Renan foi significativo e transcorreu de maneira planejada e envolvente, os residentes apesar da aparência de cansaço, se engajaram a interagir com o convidado, demonstrando interesse no assunto e abrindo discussões pertinentes aos temas abordados pelo DJ .

No entanto, a expectativa de uma dinâmica diferente levou à exaustão e ao afastamento do grupo durante a apresentação histórica do funk. O tratamento histórico e teórico do tema do funk acabou se assemelhando muito aos conteúdos já explorados por Karen Santos, tornando-o repetitivo. Gradualmente, os residentes começaram a se dispersar, resultando em uma participação reduzida na parte prática do baile.

É importante destacar que o horário de início da dinâmica também não foi propício, pois a interação começou às 18h, e o grupo já estava presente no galpão desde às 10h da manhã, quando ocorreu o encontro com Anapuaka. Talvez a programação dos dois convidados no mesmo dia não tenha sido a escolha mais adequada, apesar de suas conexões temáticas. Portanto, é necessário reconsiderar a distribuição das dinâmicas e conteúdos, levando em consideração a extensa duração dos encontros, a fim de evitar a exaustão e o afastamento por parte dos participantes.

Avaliação pedagógica

ELÃ 2023 | 7º Encontro | Aula Baile 2 (aberta) 18h às 21h com Allan Weber

A aula aberta, denominada "Aula Baile," representou um momento de experimentação e síntese dos conceitos, ideias e tópicos discutidos ao longo dos seis primeiros encontros da Elã. Este momento incluiu a instalação "Dia de Baile" do artista e ex-residente Allan Weber, com as participações do DJ Renan Valle, convidado da primeira aula baile, e DJ Vicx. Isso estabeleceu uma valiosa conexão entre a residência atual e a edição anterior.

O espaço externo escolhido para o encontro se transformou em uma festa a céu aberto, com a presença de pessoas de diversas localidades do Rio de Janeiro. Tanto os residentes quanto os presentes se vestiram com suas melhores roupas, cabelos e maquiagem planejados especialmente para a ocasião. Isso ecoou as palavras do DJ Renan do Vale, que enfatizou a importância do baile como gerador de renda e economia nas favelas e comunidades.

Inicialmente, foi necessário observar o evento de fora, e, infelizmente, uma tentativa de mensurar a sua dimensão foi malsucedida. No entanto, logo ficou evidente que o aspecto mais importante era a vivência e experiência de liberdade e alegria que a música e a interação humana proporcionam em um ambiente de lazer e diversão. Isso ressalta o baile como um dos produtos culturais mais relevantes em diversas comunidades, permitindo às pessoas vivenciar a vida em seu estado de êxtase, apesar dos desafios de uma sociedade desigual, violenta e segregadora.

Avaliação pedagógica

Assim como DJ Renan Valle mencionou, "para compreender é necessário sentir a presença do funk em sua forma rítmica, onde encontramos a ancestralidade do corpo." Estes corpos e corpos ancestrais se reuniram em uma ampla pista diante das caixas de som para celebrar dançando e comemorando a própria existência.

Com uma variada seleção de músicas de funk, os DJs tocaram nas fibras mais profundas da experiência humana: o prazer de viver em comunidade movido pela alegria, em vez de apenas pela dor ou sobrevivência, valorizando assim a herança cultural territorial.

A Aula Baile foi uma experiência que ressaltou a importância do Bela Maré como uma instituição de arte com metodologias inovadoras que investem na construção de poéticas artísticas valorizando a cultura negra da cidade e estão alinhadas às demandas sociais, pautas e reivindicações. A dinâmica revelou vários aspectos positivos, incluindo uma metodologia, fomento à coletividade, abertura, estímulo e conexão com a comunidade local, o que está alinhado com o programa definido para o Galpão Bela Maré em 2023, com o tema "Pista e Reflexo" - de pista a ser percorrida ou dançada (...) que, como pista e reflexo, revele as experiências, saberes e aspirações espelhadas na centralidade dos territórios de favelas e periferias".

Em resumo, os residentes demonstraram entrosamento e participação intensa durante a aula aberta, que se configurou como uma experiência que despertou expectativas para o baile de abertura da exposição "Pista Ritmo Fluxo". Além disso, essa aula contribuiu para fortalecer as relações entre os artistas, a comunidade e a escola, conectando os conceitos trabalhados durante a residência na experiência prática do baile.

ELÃ 2023 | 8º Encontro | Acompanhamentos 5

O oitavo encontro da ELÃ foi adaptado devido a conflitos de agenda com a curadora Clarissa Diniz, cujo encontro foi transferido para a semana seguinte, em um dia e horário decididos em conjunto com a turma (sexta-feira, 14 de julho, às 19h). Por esse motivo, o oitavo encontro teve como foco principal a apresentação do exercício coletivo e também uma conversa para aproximar a turma da produção, a fim de discutir o andamento dos projetos/ideias para a exposição final. O cronograma da exposição foi compartilhado pela produção, com as datas definidas para entrega do projeto (22/07), montagem (29/07) e recolhimento (07/08).

Na primeira parte do encontro, durante a conversa com a produção, os residentes compartilharam o progresso de suas obras. O curador Jean Carlos Azuos destaca a importância de pensar em um trabalho coletivo, especialmente em termos espaciais, enfatizando a necessidade da presença de todos os residentes nesses encontros, já que a dinâmica se desenvolverá com base na participação de todos. Ele também ressalta a importância de considerar a acessibilidade do público em meio aos fluxos e ao trânsito de pessoas que o galpão costuma atrair, incluindo especialmente as crianças.

- **Guilherme Kid** menciona que está produzindo uma pintura que reflita as raízes ancestrais do samba.
- **Joelington** compartilha seu desejo de criar um trabalho sobre segredos, uma instalação composta por uma sala de vídeo em um quarto com paredes de veludo.

Avaliação pedagógica

- **Mayra** relata que a conversa com Jean a ajudou a encontrar referências fundamentais para explorar materialidades. Ela planeja criar uma pintura e uma instalação em cerâmica. Nesse momento, ela foi questionada pela produção sobre as dimensões da obra, considerando o curto prazo de quatro semanas para sua confecção, Mayra expressa confiança em sua realização, mas tem dúvidas sobre a logística de transporte e montagem.

- **Tainan** revela sua intenção de criar uma instalação, utilizando materiais coletados em sua comunidade após os dias de baile, e planeja usar parte do espaço do segundo andar.

- **Mapô** menciona que está pensando em algo interativo, mas ainda não definiu completamente seu trabalho. Ele enfatiza que o encontro com Jean foi crucial para repensar sua proposta de projeto, que ainda está em processo de materialização. Mapô deseja incorporar elementos que reflitam a realidade que vive e também considere o uso de recursos tecnológicos, como projeção de vídeo.

- **Melissa** menciona sua produção, que consiste em uma releitura da capa do álbum da banda Timbalada, retratando quarenta pessoas com cabelos descoloridos. Ela reconhece os desafios econômicos dessa obra, mas considera estratégias, como a criação de um painel grande com embalagens de água oxigenada 40 volumes incorporadas. Melissa já elaborou um planejamento detalhado em uma planilha. Nesse momento, a produção se oferece para discutir detalhes em particular. Ela também menciona o desejo de expor mais de um projeto e propõe uma camisa em homenagem aos vivos, lembrando marcas culturais das comunidades periféricas onde é comum encontrar camisas de homenagem aos seus mortos.

Avaliação pedagógica

- **Roberta** planeja trabalhar a pintura de forma expandida, combinando-a com uma trilha sonora. Ela descreve a pintura como simples, usando tinta acrílica em uma tela de um metro.

- **Idra** ainda não definiu seu projeto completamente, mas o encontro de acompanhamento individual a influenciou a pensar em algo grande: um palco ou passarela inspirados na cultura Ballroom, onde possa acontecer uma batalha ballroom e performances. Jean menciona que a pesquisa de Idra possui muitas possibilidades e nesse momento era necessário pensar em como materializá-las. Sugere pensar em como ativar a obra após a abertura, mencionando exemplos de artistas como Yuri Cruz e Revenge. Marisa destaca a importância da espacialidade e pede atenção à construção da passarela, garantindo acessibilidade e uma cena convidativa para o público.

- **Agatha** compartilha três possibilidades para seu projeto: cerâmica, uma instalação com canos de PVC interligados e/ou uma pintura com espacialidade relacionada ao seu trabalho sobre linhas e fios do cordão umbilical. A escolha dependerá da estrutura final, e ela planeja aproveitar alguns materiais e obras.

- **Malvo** planeja fotografar um baile em Anchieta (seu território) e, a partir das fotos, criar uma pintura que reflita os trajetos da geopolítica do poder paralelo.

Luiza Melo conclui a discussão com um resumo da produção, considerando o espaço expositivo e listando os equipamentos necessários, materiais e iluminação.

Avaliação pedagógica

No segundo momento, os grupos formados na aula anterior apresentaram um trabalho coletivo com base no exercício proposto. A coordenadora Natália pede que compartilhem a experiência do processo. Como já mencionado, o exercício proposto envolve a reflexão sobre referências bibliográficas e a reavaliação das influências artísticas - Quais são as nossas referências? Cada grupo deve colaborativamente considerar as referências significativas que compartilham e, assim, criar um produto que compartilhe o processo criativo do trabalho conjunto.

GRUPO 1 - apresentou como resultado um vídeo sobre movimentos, deslocamentos e território. A partir de uma chuva de ideias, o processo foi pensado com base na figura simbólica do ônibus/transporte público, resultando em uma colagem feita por meio de compilações, camadas, repertórios e referências à Avenida Brasil, a partir das vivências de cada pessoa. O grupo explica a ideia de deslocamento geográfico relacionado ao contexto social e cultural, onde pontos diferentes se entrelaçam pela interseção dos corpos em movimento e refletem sobre o deslocamento da margem para o centro. Neste ponto, questionam-se: onde está a margem, onde está o centro? O que esses corpos marginais representam para o centro?

O transporte público obriga as pessoas a conviverem umas com as outras, a compartilharem o caos, a exaustão e a poluição que a cidade oferece. Portanto, a referência está voltada para a própria vivência do grupo, que considera seu próprio lugar como uma epistemologia.

GRUPO 2 - A partir de um pensamento comum, o grupo 2 refletiu sobre o corpo como referência, compreendendo-o o referencial como corpo - um corpo que pode gerar referências e que precisa de movimento. Durante o processo, questionaram-se quais

Avaliação pedagógica

são esses corpos que podem se tornar referência, que movimentos eles realizam e o que provocam quando se cruzam. O grupo considera que os corpos em movimento geram referências que propiciam encontros por meio de suas vivências, e, assim, o grupo concentrou-se nos corpos trans.

Os corpos trans se encontram por meio dos movimentos nas ruas, e assim, o grupo chegou à conclusão que existem referências que não conseguem abarcar alguns corpos, levando-os a concordar em se autorreferenciar - criando uma auto referência que não se confunde com narcisismo, pois a autorreferência mantém esses corpos em constante fluxo.

Em seguida, compartilham o trabalho de Idra “Gilettes” como a primeira referência, destacando sua pesquisa, que por meio das lâminas e dos cortes, propõe um controle sobre si mesma. A segunda referência são algumas fotos do arquivo pessoal de Agatha e Idra, buscando referenciar as figuras que representam as mulheres de suas famílias.

A reflexão sobre como muitas vezes buscamos referências fora de nós mesmos, no externo, juntamente com a consideração das conexões familiares e a ausência de contato de alguns residentes com suas famílias, levaram o grupo a essa proposta.

GRUPO 3 - O grupo decidiu compartilhar um artista com o qual todos se identificassem, e o escolhido foi Heitor dos Prazeres, para referenciar aqueles que vieram antes, os pioneiros que pavimentaram o caminho para que eles pudessem hoje competir por um lugar no circuito artístico. Eles explicam a importância de Heitor para as pessoas negras e como ele abriu caminhos no campo da arte, vindo da margem e compartilhando experiências semelhantes às de cada membro do grupo.

Avaliação pedagógica

Eles apresentam a trajetória e a vida do artista, considerando também as dificuldades geracionais relacionadas ao mercado de arte e ao comércio de suas obras.

Além disso, explicam a conexão entre história, favelas, comunidades e o amor que Heitor sentia por seu povo, expresso de maneira bela em suas representações. O grupo também reflete sobre as materialidades e a abordagem escolhida pelo artista, que se dedicava a retratar o cotidiano. Por fim, eles apresentam um documentário sobre o artista (Heitor, 1965 - disponível no Youtube).

A atividade se encerra com a fala da coordenadora Natália Nichos, que diz que a referência trazida pelo grupo 03 se encontra com os outros grupos e como é bonito referenciar alguém que abriu caminho e diz que quem faz a história da arte são os próprios artistas que reverenciam quem veio antes.

O encontro desempenhou um papel crucial na aproximação dos residentes a uma proposta pedagógica de formação artística coletiva. Isso permitiu que compartilhassem uma aula, uma apresentação e também ensinassem à escola a ver a partir de suas perspectivas individuais e coletivas.

Outro ponto significativo foi a ativação da conversa com Marcelo Campos, o que representava uma demanda importante para os residentes a ser explorada. O desafio proposto estimulou a busca por referências bibliográficas que se alinhassem com suas aspirações artísticas, resultando em projetos que refletiam e se relacionavam com o tema central da residência. Além disso, incentivou os grupos a realizarem um trabalho de pesquisa, a se aproximarem e a formularem um resultado a ser apresentado.

**ELÃ 2023 | 9º Encontro | Lab. Materialidades Vivência 2
Escola de Samba com Rafael B Queer**

O encontro começou com a coordenadora Natália Nichols explicando a dinâmica do laboratório, que se propõe a pensar uma problemática a partir das escolas de samba (trabalho tradicional). Como pegar um recorte e materializá-lo? A artista Rafael B. Queer fica responsável por agenciar esse encontro, relacionando a foto, a performance e o corpo alegórico.

Rafa B. Queer iniciou a reunião apresentando sua trajetória, influências e seu território. Ela compartilhou sua experiência com o carnaval de Belém e seu trabalho como auxiliar de produção de figurinos, que proporcionou uma conexão entre a técnica e a performatividade na arte. Ela explicou que seu interesse pela arte foi motivado pela influência direta de sua avó, que tinha uma ligação forte com o samba. Assim, Rafa encontrou no carnaval um espaço para expressar sua identidade relacionada a questões de gênero e sexualidade.

Ela percebe o carnaval como um desafio em termos de vivência econômica e enfrentamento político, devido ao atravessamento entre a cultura popular e as instituições dominadas por brancos. Isso levanta a questão: o que é considerado arte local?

A artista afirma que suas fotos são uma forma de enfrentar o sistema, utilizando a performance como um ato político. Seus trabalhos representam críticas e provocam reflexões sobre questões que permeiam a sociedade e a arte contemporânea.

Avaliação pedagógica

Ela começa a apresentar algumas de suas fotos-performances - que expressam de forma mais particular o seu trabalho - explicando o conceito por trás de cada uma, seu processo de criação e materialização.

A primeira obra apresentada, intitulada "Alice e o chá através do espelho", traz referência à figura de Jorge Lafond no desfile da Beija-flor em 1991. Rafael provoca: *Onde está o protagonismo? qual é o lugar que é colocado para as bichas pretas?*

Ao analisar a obra, a artista explica que decidiu assumir o papel de bicha preta como uma forma de performatividade. Seu objetivo era explorar metáforas e distopias, acreditando que a performance tem o poder de criar deslocamentos. Ela destaca a importância de utilizar espaços públicos, pois a potência do local influencia a cor, forma e volume da performance.

Ela conecta a performatividade ao carnaval por meio das imagens, destacando a narrativa provocativa que cria uma fusão entre corpo-performance-carnaval ou corpo-performance-alegoria. A artista argumenta que, quando se trata da arte brasileira, costuma-se pensar em minimalismo, enquanto o carnaval representa o oposto, com seu exagero, luxo, glamour e cores.

Rafa também menciona Steven Cohen como uma influência importante para sua abordagem da performance. Cohen é uma referência na arte política, capaz de assumir várias identidades por meio da montagem, e convida os residentes a observarem seu trabalho sob uma perspectiva semiótica. Essa influência, de acordo com Rafa B. Queer representa uma linguagem que desafia o medo de ser diferente na arte contemporânea.

Avaliação pedagógica

No slide seguinte, a artista compartilha uma obra inédita e, para isso, traz à discussão a importância de pensar em conceitos, elementos e composições que justifiquem a obra. Ela menciona que sua passagem pelos meios acadêmicos a fez refletir sobre pesquisa e produção científica, destacando as desigualdades étnico-raciais presentes nesse contexto.

Considerando seu lugar social, a artista questionou as representações de arte em museus e passou a refletir sobre a relação entre curadoria e branquitude. Ela enfatiza que tudo se relaciona com o poder e o direito de expressão. A obra compartilhada faz referência não apenas ao corpo ancestral e sua identidade afro-indígena, mas também às lutas da população do norte/nordeste pelo direito à representação. Ela compartilha um famoso registro da líder indígena índia Tuíra caiapó com um facão no rosto do representante da Eletronorte durante o 1º Encontro das Nações Indígenas do Xingu, em Altamira (PA).

Rafa B. Queer então fala sobre os corpos que são subjugados, mas que conseguem subverter os significados por meio da arte que materializa. Em seguida, Guilherme Kid analisa a imagem, destacando o forte simbolismo do facão. Joelington comenta que a intervenção da artista comunica com a imagem e pergunta sobre a estratégia por trás da criação da imagem narrativa “como criar essa imagem que fala que é narrativa por seus elementos?”

A artista responde que sempre considera fluxos e migrações, explorando o espaço ao longo do tempo. Ela destaca a importância do olhar particular do artista na construção da imagem, buscando o novo e o inesperado. A captura de imagens em seu trabalho envolve a criação de alegorias com um foco em perturbar normas de gênero e sexualidade, desafiando o conservadorismo *pelo corpo disruptivo*.

Avaliação pedagógica

Assim, sua pesquisa tem conexões com os movimentos de dentro e fora do carnaval a fim de aproximar a performance de algo que é escultórico e relaciona montagem com a arte expositiva e sempre se coloca em fluxo se permitindo experimentar o que quer enquanto registro.

Após a apresentação das fotos, Rafa diz que as trouxe porque queria compartilhar com a Elã algo para além do que é considerado técnica. Por isso, nesse encontro compartilhou suas experiências sobre composição, montagem cenografia para a arte performática.

Rafael B. Queer finalizou esse primeiro momento do encontro apresentando o projeto audiovisual "Hierogritos", realizado pelo grupo de Drag Queens *Themônias* por meio da bolsa Zum/IMS em 2020. Esse projeto representa a cena artística amazônica e, por meio de ações performáticas, questiona questões políticas.

O segundo momento do encontro ocorreu no barracão da escola mirim da Grande Rio. Após a provocação da conversa anterior, os residentes foram convidados a experimentar na prática a criação de uma cena-foto-performance utilizando os elementos cenográficos e materiais disponíveis no barracão.

Cada dupla formada teve quarenta minutos para conceber livremente a composição, montagem, cenário e captura. Os residentes se envolveram com entusiasmo na proposta, explorando cada espaço disponível e os materiais ao seu alcance. Esse momento foi de grande importância, resultando em criatividade, colaboração e experimentação coletiva das possibilidades artísticas.

Avaliação pedagógica

Após a experiência, todos os residentes se reuniram em círculo, e cada dupla compartilhou o registro via WhatsApp, explicando o conceito por trás de sua obra. Durante as apresentações, Rafa B. Queer acrescentou intervenções conceituais, conectando a dinâmica com os temas discutidos durante a manhã no laboratório de materialidade.

O encontro com a artista Rafa B. Queer foi repleto de significados, revelando um interesse dos residentes na maneira como a artista aborda a composição de suas obras. Eles também foram impactados pelas questões relacionadas à branquitude, às dinâmicas de poder e à colonialidade. A arte, vista como um espaço político e de negociação, emergiu como um meio de subverter narrativas cuidadosamente elaboradas e conceitualmente pensadas, provocando reflexões profundas.

Cada elemento presente na cena proposta por Rafa tinha um significado específico, demonstrando o cuidado meticuloso que a artista dedicava ao seu trabalho. Isso a destacava como uma figura importante na luta, ao mesmo tempo que refletia o brilho de sua existência. Ela trouxe à discussão uma linguagem que representava o hibridismo, a identidade negra amazônica com ética, poesia e estética, estabelecendo conexões entre passado, presente e futuro.

ELÃ 2023 | 10º Encontro | Lab. Materialidades Bernardo Magina

O laboratório de materialidades com Bernardo Magina começou com a apresentação do convidado, sua trajetória artística e sua relação com a Elã. Ele explicou a complexidade de preparar uma aula sobre materialidades para esse encontro, considerando que a turma é composta por artistas com potencialidades diversificadas. Em seguida, direcionou o encontro para uma roda de conversa onde compartilhou sua experiência como participante de projetos e programas sociais, usando a EAV Parque Lage como exemplo. Bernardo discutiu sua vivência como artista racializado e como a falta de capital cultural o afetou nas instituições formais de ensino da arte. Ele destacou a importância de estudar a história e a teoria da arte para uma melhor integração nesses espaços.

Esse início do encontro permitiu que os residentes entendessem a perspectiva de Bernardo e estabelecessem uma base para as discussões sobre materialidades e práticas artísticas que se seguiram.

Bernardo Magina fala sobre a importância de expandir o repertório cultural, abordando questões relacionadas a espaços, limites e fronteiras. Ele anuncia que conduzirá a conversa focando no campo da pintura, sua área de atuação, e compartilha suas referências na teoria das cores, especialmente o Cromatismo Czariano. Ele justifica a importância de se apropriar de referências canônicas e eurocêntricas para ampliar suas relações no mundo da arte.

A conversa segue em direção ao desenvolvimento artístico pessoal de Bernardo. Ele compartilha suas experiências durante o mestrado e destaca a influência de sua

Avaliação pedagógica

orientadora, Cristina Salgado, em seu trabalho em grandes escalas. Bernardo também discute suas experiências com pinturas murais na rua, destacando a diferença entre ser muralista e grafiteiro. Essa distinção expandiu sua relação com o campo da pintura, levando-o a explorar outras superfícies não-planas em sua pesquisa artística.

Nesse ponto da conversa, Bernardo Magina proporciona aos residentes uma visão mais profunda de sua prática artística e das influências que moldaram sua jornada criativa. No entanto, sua explicação sobre a aplicação de suas técnicas em relação ao volume e espaço, juntamente com a teoria colorista, fica um pouco confusa.

Posteriormente, ele retoma a discussão sobre sua formação como bolsista e como isso contribuiu para a problematização que enriqueceu seu repertório. Bernardo também compartilha sua experiência com o curso "Pintura além do quadro" e o início do curso "Cor e Forma". Ele menciona que durante esse período desenvolveu uma organização teórica que se estendeu para outros campos.

No contexto da teoria, Bernardo destaca a importância de escrever sobre o próprio trabalho como meio de registrar a evolução dos estudos artísticos. Ele enfatiza a necessidade de refletir sobre como a arte afeta e molda a experiência pessoal.

Roberta compartilha sua experiência como bolsista do curso "Cor e Forma" e destaca como essa oportunidade foi fundamental para expandir suas perspectivas e referenciais teóricos.

Neste momento, os residentes começam a discutir questões importantes relacionadas à representação, diversidade e estruturas institucionais no campo da arte, o que promove uma reflexão significativa sobre o tema. Mapô traz à tona questões problemáticas relacionadas à Escola de Artes Visuais (EAV) Parque Lage e menciona Heitor dos Prazeres na conversa. Ele argumenta que é crucial dar visibilidade aos

Avaliação pedagógica

corpos de artistas negros que desafiam as convenções do cânone artístico, e sugere que a EAV Parque Lage precisa passar por uma reestruturação. Roberta também comenta sobre como a perspectiva da representação de corpos negros no campo da arte é baseada na diferenciação e aponta que a EAV Parque Lage sofre de uma distorção na percepção da realidade em comparação com o que acontece fora dela.

Bernardo tenta abordar as críticas dirigidas à escola à qual está ligado, enfatizando a necessidade de dominar e subverter as estruturas como estratégia. Ele também menciona que em seus cursos, seu foco recai sobre as soluções criativas em vez da técnica. Além disso, ele aproveita a oportunidade para apresentar outro curso chamado "História da Arte Brasileira lado B", que co-ministra com a curadora Clarissa Diniz.

A discussão parece ficar um pouco tensa, já que a maioria dos residentes não tem uma boa relação ou memória da instituição em questão. Isso leva o debate a abordar questões de racismo institucional, lucro e acesso. Mapô destaca a manutenção do poder e da arte elitista que a escola continua a perpetuar, tornando-se cúmplice do racismo. Bernardo concorda e menciona o choque geracional entre os professores da EAV Parque Lage e as "pautas contemporâneas", evidenciando um atraso na formulação de políticas públicas de acesso e permanência.

Embora a discussão sobre a estrutura racista não se desenvolva completamente - o convidado a interrompe e retoma a apresentação de sua trajetória artística - alguns residentes persistem na discussão e a retomam na primeira oportunidade. Eles discutem estratégias de acesso e as estruturas institucionais. A conversa então se desloca para o âmbito da "classe", onde Bernardo fala sobre a relação entre mudança e melhoria na posição social, destacando a pressão do "ônus e do bônus" ao ascender

Avaliação pedagógica

socialmente. Guilherme Kid expressa sua vontade de alcançar as camadas populares por meio de uma arte acessível. O grupo compartilha experiências sobre o respeito e o reconhecimento que têm nas comunidades às quais pertencem.

Bernardo Magina propõe uma leitura coletiva do texto "O ato criador" de Marcel Duchamp, escolhendo-o devido ao deslocamento conceitual que proporciona. A leitura começa abordando o papel do artista e a abstração, categorizando-os entre o que é irracional e intuitivo. Ele discute a recusa ao pensamento cartesiano, enfatizando a intenção na realização artística como um processo de descoberta, onde é essencial ouvir o próprio trabalho para evitar "estacionar"

O convidado sugere que os artistas precisam sair da zona de conforto, permitindo-se questionar e enxergar o trabalho como um processo inacabado em constante evolução, sem controle absoluto, algo mutável onde a mudança da materialidade resulta em um produto final que muitas vezes difere da intenção inicial. Ele diferencia a identidade artística (essência) daquilo que é considerado estilo (repetição/assinatura/marca), enfatizando que as mudanças pelas experiências permitem que o artista não fique aprisionado a uma estética voltada para o mercado; e destaca que as influências do mundo estão incorporadas no trabalho do artista, e esse processo muitas vezes envolve a perda de controle, abrindo espaço para novas possibilidades.

Nesse contexto, ele ressalta que a combinação de soluções criativas com técnica é o que constrói o repertório do artista, pois quem consegue criar soluções também traz consigo a técnica. Mapô acrescenta que a perda de controle é o que direciona o artista, ajudando-o a traçar um caminho. Bernardo concorda e destaca a importância de ter uma intenção objetiva, mas ao mesmo tempo não se acomodar, treinando o olhar para

Avaliação pedagógica

adicionar ao repertório acumulado. Ciana menciona que seu lugar de repertório é o inconsciente, que se alimenta das conexões espirituais.

Mapõ menciona a dificuldade enfrentada por artistas em ascensão de não serem capturados pelo mercado, o que muitas vezes leva a uma dedicação exclusiva para expressar sua intenção inicial, especialmente quando se tratam de questões políticas.

Não foi possível identificar o momento em que o assunto se dissipou, mas a aula terminou com uma discussão sobre o uso das redes sociais e o papel importante que desempenha na divulgação do trabalho dos artistas, resultando em seu uso como portfólio.

*

No início, a aula com Bernardo Magina foi confusa, oscilando entre sua trajetória artística, vida pessoal, a Escola de Artes Visuais do Parque Lage e sua inserção em instituições elitistas. Ele gastou muito tempo apresentando suas relações com pessoas, artistas e professores da escola, passando por sua experiência durante a pandemia e a criação de cursos com turmas lotadas na escola. Esse direcionamento fez com que os residentes ficassem incomodados, pois perceberam uma certa romantização da instituição, confundindo a apresentação de sua trajetória artística com um discurso um tanto meritocrático. Isso gerou questionamentos acalorados sobre a instituição e levou a uma resistência em continuar o assunto.

A escolha de conduzir a aula como uma conversa não deu certo, uma vez que a maior parte do tempo ele só falou sobre si mesmo, e quando tentou falar sobre materialidades pela primeira vez, se direcionou para um campo muito específico do colorismo, fazendo referências até então desconhecidas pelos residentes. Talvez

Avaliação pedagógica

apresentar essas referências de forma visual ou prática teria contribuído para uma melhor compreensão. Além disso, a falta de um fio condutor ou recurso didático entre os assuntos abordados atrapalhou Bernardo, que emendava um assunto sem terminar o outro e interrompia algumas discussões.

É importante pontuar que nesse dia houve um grande atraso, onde apenas seis residentes se encontravam presentes na escola às 11h da manhã, devido ao atraso para iniciar o encontro, a dinâmica planejada não pôde ser realizada, o que parece ter sido um problema de controle no planejamento do convidado. Isso fez com que, no início, ele falasse sobre diversos assuntos sem conseguir conectá-los.

Somente quando decidiu mudar a abordagem e compartilhou o texto de Marcel Duchamp, o laboratório seguiu um caminho mais objetivo, explorando de maneira construtiva as teorias conceituais no campo da arte. Infelizmente, esse desenvolvimento ocorreu apenas no final do encontro, quando poderia ter sido mais produtivo, já que os residentes demonstraram interesse pelo assunto, sendo participativos nas reflexões propostas por Bernardo em relação ao fazer artístico.

É fundamental ressaltar a necessidade de uma estrutura clara e eficaz por parte dos convidados. Isso garantirá uma participação ativa e uma experiência confortável para todos os envolvidos em aulas que exigem conhecimento prévio de conceitos.

Portanto, ter um planejamento ou rascunho da proposta contendo os assuntos que serão abordados pode auxiliar o convidado a gerenciar as diferentes linguagens artísticas, bem como as diversas perspectivas sociais relacionadas à raça, classe e gênero que podem atravessar as discussões.

Avaliação pedagógica

Acompanhamentos Produção/Curadoria

O segundo momento do encontro seguiu como uma continuação da conversa com a curadoria e produção sobre o andamento/desenvolvimento dos projetos/ideias para a exposição. Os residentes trouxeram um esboço apresentando o que pretendiam expor, incluindo as possíveis materialidades e espaços a serem utilizados.

Aline - Pensa trazer uma fotografia para a composição, envolvida por um tecido de cetim a fim de representar a dança das ruas. Pensando a questão subjetiva que pretende atingir, a residente sugere letras e/ou frases penduradas com fio de nylon no teto.

O curador Jean Carlos Azuos provoca a residente a pensar com cuidado para que seu projeto não caia em lugar cenográfico e fique solto em relação à exposição, perdendo a estética do que se pretende apresentar. Explica que a construção da Aline envolve o processo do coletivo e seria interessante que ela pensasse na questão simbólica do tecido. Criando um espaço físico em favor do conjunto de palavras como uma parede que se relacione com os outros trabalhos. Por isso, seria interessante encontrar uma estratégia de imagem que não perca a força estética. Diz que ainda precisa compreender a composição e materialidade da obra e para isso precisa de uma ideia/projeto concreto. Aline demonstra insegurança em relação ao que gostaria de fazer, parece um pouco indecisa. Luiza alerta para a questão do calendário e o prazo a ser cumprido para que haja tempo hábil para confeccionar e entregar a obra, demonstrando abertura para atender e esclarecer possíveis dúvidas por mensagens ou encontros individuais, ressaltando a importância da comunicação.

Avaliação pedagógica

Melissa - definiu a entrega de três obras, sendo a principal o trabalho com o painel de água oxigenada que irá refletir as relações dos corpos/pessoas com a oxigenação. Jean orienta que Melissa pense com atenção no contorno, na superfície e no acabamento do painel para que esse não perca volume e pede para que se considere a possibilidade de utilização do material pensando na sustentabilidade do produto do interior do frasco que provavelmente será descartado.

Preta - Diz que pretende apresentar uma instalação. Como materialidade pensa um barraca de gazebo com isopor e caixas de som que ecoa mensagens para o público - mensagens que movimentam os caminhos. Jean orienta que a Preta pense na estética e qual a intencionalidade e objetivo final, pois a obra lidará com os desejos e o mistério. Assim a composição conceitual da instalação pode se desenvolver melhor com o foco na fruição sonora do que com a composição estética da caixa de som. Informa que precisa de dimensões pois percebe a mudança processual do trabalho de Preta.

Mapô - Pensa em uma obra feita a partir do fio de contas com barulho de guizo que sairá do chão indo de encontro ao teto. A obra pretende pensar conceitualmente os fluxos de água presentes no solo do complexo da maré ativado pela frase “maré encheu, maré vazou”. Também pensa em compor a obra com uma instalação composta por uma mesa com tampo de vidro contendo jornais e uma camada de sal grosso;

Mayra - Pretende expor uma escultura de cerâmica e palha e uma tela. A tela pensará o relevo a partir de cerâmicas junto a grafismos profundos. Nesse momento se tem um

Avaliação pedagógica

ponto de atenção em relação ao transporte, mas Mayra diz que está pensando na logística.

Malvo - Dá continuidade a ideia inicial, apresentando duas telas que tem como conceito o território e suas relações geopolíticas pelo poder paralelo. A primeira representando o baile do santa amaro feita a partir de uma fotografia de drone. Luiza orienta para que se pense nas relações dos trabalhos e como conversar/conectar cores e linguagens.

Agatha - Diz que houve uma mudança em seu projeto e não irá mais trabalhar a partir da pesquisa das linhas e fios que representam o cordão umbilical. A partir de suas experimentações o projeto será uma gravura na cor vermelha representando a encruzilhada e suas profanações.

Myllena - informa que chegou a uma composição final satisfatória. Apresentará uma composição de impressão que utiliza a colagem digital com xerox para representar uma cartografia conceituada pelos caminhos e fluxos da cidade.

Idra - Com o projeto já encaminhado, a artista informa que já tem as dimensões. Pretende ser uma passarela onde esteja acontecendo um fluxo. Sua instalação terá a medida de 1,5x5/20 altura e usará madeira e carpete vermelho e um globo de luz a fim de possibilitar a interação e dança que deseja para a obra. Jean pensa na fruição da mobilidade e pede atenção a altura por questões de acessibilidade. Luiza ressalta a fala de Jean e diz que a altura da passarela pode limitar a acessibilidade do público, sendo importante pensar em outras possibilidades para a formulação da passarela

Avaliação pedagógica

pensando também na proteção da obra - pela deterioração do uso público. Idra diz que irá rever as dimensões a fim de enquadrar as questões solicitadas. Luiza também fala sobre ativação do espaço pela luz e som, para que se tenha ativações contínuas pela performance. Neste momento se há uma negociação sobre o tamanho e disposição da obra no espaço, Idra sugere que a passarela esteja centralizada no espaço do galpão, no entanto a produção pede atenção uma vez que a exposição é coletiva é necessário pensar não apenas a relação com as outras obras, mas também o espaço utilizado que consiga beneficiar a todos.

Ciana - Informa que não utilizará a ideia conceitual dos cabos de som. Agora, sua obra será composta por uma caixa de som de MDF com um aquário simbolizando o mar em seu interior. Também pretende apresentar um vídeo-performance (cabeça de fio) onde é pensado o som em sua intimidade. Jean sugere que se procure outros espaços no galpão, espaços esses capazes de montar uma ambientação que torne a obra intimista.

O encontro terminou com Luíza pedindo atenção ao horário e pontualidade nessa reta final. Pois é importante a presença de todos. A produção também se utilizou do tempo restante para definir algumas demandas como pesquisa e resolução de pendências.

ELÃ 2023 | 11º Encontro | Acompanhamentos Produção/Curadoria Automática e Jean Carlos Azuos

O encontro foi dedicado à organização da exposição, e a produção apresentou a planta do galpão, organizando a distribuição das obras pelo espaço com base nas relações entre as obras e nas preferências espaciais de cada artista. A equipe de produção demonstrou domínio na organização do espaço e aderência ao cronograma de finalização. Em seguida, apresentaram a localização de cada obra e discutiram com os artistas para garantir que estivessem de acordo com o espaço disponível.

A produção explicou que todos os espaços no galpão são potenciais locais de exposição, enfatizando a importância de que as obras não apenas dialoguem em termos conceituais, mas também em termos de materialidade.

Luiza mencionou que o projeto expográfico foi um desafio, pois teve que montar a distribuição com base nas fotos dos projetos, usando sua imaginação para visualizar a disposição. Ela planeja reorganizar as obras, modificando de acordo com a quantidade, se necessário. Portanto, a organização apresentada é inicial e sujeita a modificações de acordo com as preferências do grupo.

Jean explicou que muitos trabalhos ainda não haviam sido apresentados, e esse encontro era a oportunidade de fazer ajustes na disposição das obras, com a presença e participação de todos para evitar descontentamentos. Alguns residentes, como Aline, Idra e Tainan, expressaram dúvidas e preocupações em relação aos projetos finais.

Tainan está ponderando como utilizar algumas materialidades de acordo com o desenho inicial de sua obra, enquanto Idra está concentrada nas ativações e na materialidade de sua própria obra. Por outro lado, Aline parece ainda não ter decidido o

Avaliação pedagógica

que irá apresentar. Em razão disso, promoveu-se uma conversa para determinar os últimos ajustes materiais e conceituais em cada obra. Cada participante teve a oportunidade de falar sobre as modificações realizadas e o progresso de seus projetos com base no que já haviam apresentado. A maioria dos residentes já possui projetos bem encaminhados em fase de finalização, sendo notável que esses projetos foram desenvolvidos de forma contínua ao longo da residência.

Na segunda parte do encontro, a configuração expográfica apresentada no início foi modificada devido à perda de uma parede. Jean explicou que essa nova configuração seria repensada para incluir o mezanino, e algumas obras foram realocadas de acordo com as poéticas que interagem entre si.

Luiza e Marisa, então, dirigiram-se aos últimos ajustes e revisaram as pendências relacionadas à produção. Elas discutiram a retirada das obras e a atualização dos endereços. Marisa também mencionou a questão das mini biografias e a diferença de escrita entre os membros do coletivo, sugerindo a adoção de um formato padrão. Durante esse período, cada residente trabalhou em conjunto com a produção para criar suas biografias.

Em resumo, o projeto expográfico se mostrou democrático e aberto a discussões para ajustes e modificações. A organização avançou significativamente nas últimas semanas, com cada residente enviando uma foto de sua obra para a produção, facilitando a distribuição. A maioria dos projetos parece estar dentro do cronograma e prazo de finalização e entrega, com apenas três residentes demonstrando preocupação em relação à materialização de seus projetos. O encontro foi bem-sucedido, esclarecendo dúvidas restantes e realizando ajustes finais para o prazo de retirada das obras.

ELÃ 2023 | 12º Encontro | Acompanhamentos Produção/Curadoria Automática e Jean Carlos Azuos

O último encontro da Elã na parte da manhã foi dedicado à avaliação coletiva com a turma. Em seguida, a turma se reuniu com a produção e curadoria para definir os últimos ajustes da exposição. Com a produção, foram tratadas questões logísticas, revisadas as legendas das obras, definida a ordem de montagem e o uso de equipamentos. Foram também definidos os dias de encontro com o cenotécnico, revisado o cronograma e estabelecidos os horários de acompanhamento para a montagem. Marisa destacou a importância do acompanhamento dos artistas na montagem para definir a posição das obras e fazer ajustes, além de mencionar que em breve entrarão em contato para discutir a montagem do catálogo.

Houve também um momento de conversa com a curadoria para esclarecer dúvidas sobre materialidade e dimensão de projetos que ainda não haviam sido apresentados, bem como para verificar o andamento e a finalização de projetos já definidos.

O encontro terminou com uma escuta coletiva sugerida por Jean Carlos Azuos, na qual cada integrante compartilhou seus sentimentos em relação ao processo formativo. Como essa dinâmica não foi comunicada com antecedência, alguns residentes acabaram repetindo as respostas dadas durante a avaliação coletiva da manhã, embora com ressalvas. Para alguns residentes, o momento se tornou constrangedor, já que questões pessoais foram compartilhadas na frente do coletivo. Ficou evidente a falta de sensibilidade em relação a essa situação, por isso é importante que a escuta ativa seja realizada com abertura para ouvir e discutir questões que possam afetar a dinâmica de trabalho de forma institucional. Nesse sentido, o último momento de

Avaliação pedagógica

escuta foi uma decisão inadequada, que interrompeu um fluxo de boa comunicação que estava ocorrendo.

Apesar disto, o encontro foi produtivo, e o cronograma da exposição parece estar bem encaminhado, conforme apresentado na semana anterior. O grupo permaneceu animado, apesar dos desafios enfrentados ao longo da última semana, que incluíram questões pessoais, coletivas e artísticas.

3. INTERAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DA TURMA AO LONGO DAS AULAS

Descrição:

Observação do desenvolvimento da turma durante as aulas levando em consideração os seguintes pontos: como se relacionaram com os temas e com os professores; que tipo de engajamento e entrega as aulas suscitaram da turma; como a postura da turma se modificou ao longo do projeto; como se distribuiu entre a turma a participação ao longo das aulas - existe um protagonismo marcado por alguns sujeitos ou todos se sentem à vontade para se manifestar? Como a turma troca entre si dúvidas, opiniões, mudanças e anseios sobre suas pesquisas artísticas individuais?

Principais objetivos:

Este relatório visa registrar o desenvolvimento da turma, quais são os principais desafios do projeto e que tipo de impacto na produção teórica, discursiva e artística pode ser observado ao longo das aulas.

Avaliação pedagógica

A edição de 2023 da residência da Escola Livre de Artes (ELÃ) contou com a participação significativa e engajada de todos os residentes desde o primeiro dia de formação. A turma demonstrou animação e disposição para construir, em conjunto, um repertório artístico e cultural relacionado ao programa pedagógico da escola. Nesse ponto, não ocorreram conflitos nem recusas em experimentar os conceitos, teorias e vivências apresentados pelos convidados de cada eixo temático.

No entanto, de forma processual, foi possível perceber protagonismos e ausências. Alguns residentes sentiram-se mais confortáveis em tomar a palavra e introduzir discussões relacionadas aos eixos temáticos, sendo esses artistas com uma trajetória já bem definida no circuito.

As aulas que incluíram alguma forma de dinâmica e interação, bem como os encontros de acompanhamento coletivo, demonstraram ser mais eficazes na participação dos residentes, em contraste com as aulas expositivas e/ou rodas de conversa. Nestas participações, os principais assuntos discutidos centraram-se no circuito da arte contemporânea e nas epistemologias/referências decoloniais que exploram a história/genealogia de temas específicos, como o funk, a presença de artistas negros na arte, o corpo, o território e os deslocamentos espaciais.

O corpo, nesta residência, mostrou-se como uma poderosa ferramenta de participação. Ficou evidente que as dinâmicas envolvendo dança, música, movimento e interação foram bem-sucedidas em suas propostas, pois conseguiram envolver o maior número de participantes. Os encontros com o Gueto Run Crew, Wallace Lino, Karen Silva e Rafael B. queer, que proporcionaram uma experiência estimulante dos sentidos, impactaram significativamente boa parte da turma que não tinha contato com performances, como por exemplo, Tainan, Guilherme Kid e Malvo. Isso os levou a

Avaliação pedagógica

repensar o corpo como materialidade, ou como Jean disse, "tecnologia que expressa a arte", um dispositivo atravessado pelo cotidiano das coisas. Logo, os conceitos de pista, ritmo e fluxo - que foram trabalhados - deslocaram-se, gerando outras e novas interpretações sobre o tema, desenvolvendo-se organicamente entre o grupo ao longo do processo de residência formativa.

As ausências de participação ficaram restritas aos campos da objetividade, do cansaço e da observação, não havendo recusa em participar quando solicitados. Algumas ausências de residentes, como Agatha, por exemplo, se manifestaram em certos momentos como presença na escuta, enquanto para outros, como Mapô, Roberta e Mayra, em momentos específicos, se assemelhavam ao cansaço causado pela carga horária intensiva. Por se tratar de uma residência em que o tempo formativo ocorre de maneira não convencional, ao longo do processo de formação, foi observada pouca interação em momentos determinados. Nesse contexto, a imersão nos conteúdos não se desenvolvia de forma fluida, devido à interrupção da reflexão entre um tópico e outro. Em outras palavras, um encontro semanal, que se dividia entre dois temas, dois convidados ou dois momentos distintos, muitas vezes sofria com a falta de entusiasmo no segundo momento, que consistia em continuar uma roda de conversa ou aulas expositivas, com pouca interação entre o tema, os convidados e os residentes.

Pensando nas diferentes linguagens de cada residente, os encontros também foram marcados pela interação através da troca de experiências entre os campos de estudo. Os residentes da ELÃ 2023 se consolidaram como um grupo que praticava a coletividade na construção de suas obras, e, por isso, era comum ouvir conversas sobre as diferentes poéticas e como estas poderiam se conectar na exposição. O grupo também se mostrou engajado na elaboração e materialização do projeto final de forma

Avaliação pedagógica

que se relacionava diretamente com os temas e conceitos trabalhados ao longo do processo.

O horário do almoço coletivo continua a ser uma ferramenta de aproximação entre a escola e os residentes, fazendo o imaginário de institucionalidade rígida na formação se dissipar logo na primeira semana. Essa aproximação foi fundamental na construção do repertório conceitual e intelectual, uma vez que era nesse momento que os assuntos abordados durante o encontro com o convidado surgiam na forma de perspectivas e interpretações. Também se mostrou importante na criação de laços afetivos, onde compartilhar o momento do almoço era também um momento de troca, escuta e carinho entre os residentes, que conversavam sobre seus sonhos, projetos de vida, desejos e vontades.

No sentido de promover acessibilidade à participação, três encontros apresentaram limitações. Estes foram: Vivência na maré com Wallace Lino; O corre com Gueto Run Crew e, de forma parcial, Afrofunk com Karen Santos.

A residente Roberta sentiu-se incomodada devido à alta necessidade de mobilidade e deslocamentos isolados, uma vez que a dinâmica da aula baseava-se em grupo e, devido às questões de acessibilidade, ela precisava se deslocar de maneira alternativa. Assim, pensar em acessibilidade não se limita apenas a adaptar algo para que a pessoa se encaixe, mas sim a criar dinâmicas e encontros que sejam acessíveis em sua totalidade, ou seja, que qualquer pessoa, independentemente de sua condição, possa participar sem constrangimentos.

Um ponto importante a ser observado é a constante retomada dos acordos estabelecidos. Apesar de a escola ser transparente e fornecer antecipadamente o cronograma, horários e dinâmicas, os frequentes atrasos prejudicam o

Avaliação pedagógica

desenvolvimento e planejamento de alguns encontros. Estes atrasos estavam além dos limites aceitáveis, como na aula com Bernardo Magina e Anapuaka Tupinambá, demonstrando, por vezes, falta de compromisso com os convidados. Isso resultava em apresentações apressadas do conteúdo ou horários de encerramento que se estendiam até a noite, tornando-se exaustivos para os residentes que chegavam às 10h da manhã.

Nesta edição, não houve evasão, e os residentes que, por motivos de trabalho, saúde, rotina e/ou compromissos, precisaram se ausentar ou sair antes do horário, comunicaram antecipadamente à coordenação e procuraram se informar sobre o assunto/contéudo perdido. O impacto dessa troca e participação pode ser observado nas frequentes alterações e/ou complementações das ideias conceituais dos projetos, desde o primeiro encontro de acompanhamento coletivo, que está registrado no ponto 6 deste relatório.

4. DESENVOLVIMENTO PROCESSUAL E ACOMPANHAMENTO INDIVIDUAL

Descrição:

Analisar e registrar os encontros de acompanhamento individual e o desenvolvimento de projeto artístico de forma diretamente comparativa entre o ingresso na Escola e a exposição final. Observa-se a construção processual de cada artista e de que forma os encontros e vivências impactaram tais produções de maneira direta ou indireta. Tratando-se de uma proposta composta por pessoas diversas em identidades e poéticas artísticas, neste ponto pretende-se uma observação mais particular que mensure as aproximações e/ou afastamentos dos projetos artísticos individuais em relação aos atravessamentos teóricos, práticos, experimentais da residência e a orientação recebida durante o acompanhamento individual.

Principais objetivos:

Verifica-se a aproximação de cada artista e seus projetos individuais em relação aos conteúdos teóricos e experimentações práticas durante a residência. Houve impacto na produção teórica, discursiva e artística que pode ser observado na construção do projeto? De que forma os encontros de acompanhamento individual impactaram e/ou modificaram essa construção?

Avaliação pedagógica

Neste ponto, os residentes foram entrevistados individualmente por cerca de 10 minutos. Durante esse período, tiveram a oportunidade de discutir os dois encontros de acompanhamento individual.

Os encontros com a curadoria surgiram como um aspecto importante e positivo da formação. Isso se deve ao fato de ter sido a primeira experiência de residência para metade da turma. Para aqueles que já haviam participado de outras residências, o acompanhamento foi algo que sempre desejaram: uma curadoria humanizada e decolonial. O grupo expressou sua satisfação não apenas com as orientações conceituais e bibliográficas, mas também com a atenção e o cuidado demonstrados pelo curador em relação às suas histórias de vida. Alguns depoimentos destacaram a importância da linguagem acessível, na qual se sentiram à vontade para compartilhar suas limitações bibliográficas e experiências no campo da arte. Eles afirmaram que se sentiram confortáveis na presença do curador, que nunca estabeleceu uma relação hierárquica.

O grupo afirmou que conseguiu expandir suas pesquisas a partir de referências negras às quais nunca haviam tido acesso e disseram que a construção de seus projetos se baseou em *possibilidades do real*, o que foi crucial para considerar o uso de materialidades, tempo e espaço na execução de suas obras expositivas.

Quando questionados se os encontros influenciaram seus trabalhos finais, todos responderam afirmativamente, destacando os pontos mencionados anteriormente. Eles também afirmaram que a presença do curador durante os encontros de acompanhamento coletivo foi importante para conectar e aprofundar as discussões iniciadas individualmente.

Avaliação pedagógica

Em resumo, como artistas que estão construindo uma trajetória recente no campo da arte, suas expectativas de criação eram muitas vezes excessivamente elevadas, chegando a pontos que extrapolavam a realidade material, temporal, espacial e, sobretudo, financeira. Mas, com a orientação adequada e o direcionamento correto, eles disseram que conseguiram ampliar seus repertórios por meio de novas perspectivas e, ao mesmo tempo, negociar suas próprias idealizações com base na experiência curatorial que vivenciaram com Jean Carlos Azuos.

Essa experiência resultou em um amadurecimento artístico não apenas no âmbito da criação, mas também no da atuação. Eles se sentiram respeitados, ouvidos e acolhidos, e receberam um olhar sensível e honesto para suas obras e idéias, levando em consideração as possibilidades e limitações. O encontro com a curadoria os colocou em uma nova posição de negociação e os fez compreender a importância de estar aberto para ouvir as considerações dentro de seus próprios trabalhos, algo novo para a maioria do grupo. Esse processo de avaliação, fricção e confrontação contribuiu para um melhor entendimento de como defender seus trabalhos.

5. DESENVOLVIMENTO E IMPACTO DAS AULAS SOBRE A TURMA

Descrição:

Este ponto de observação é complementar ao quarto ponto com fins conclusivos de análise global dos ciclos de aula.

Principais objetivos:

Analisar e registrar o desenvolvimento da turma de forma mais diretamente comparativa entre o ingresso na Escola e o final do ciclo de aulas. Observar como os conceitos e referências foram assimilados ao final das aulas, que tipo de apropriação foi feita e como o processo contribuiu para o desenvolvimento artístico, compreensão do campo e produção de discurso da turma. Além disso, analisar especificamente como o processo de acompanhamento impactou em suas produções individuais e de que forma esse processo se relacionou com os diferentes professores e ciclos formativos ao longo da residência.

Avaliação pedagógica

Desde o primeiro encontro da ELÃ, notou-se um interesse particular em relação ao tema do ano de 2023. Os residentes, a partir de suas práticas artísticas, demonstraram estar conectados e entusiasmados em construir e materializar o projeto proposto na inscrição da ELÃ. Alguns desses projetos e ideias, com exceção de Millena e Aline (que pensavam na pista das ruas e nos fluxos cosmopolitas) e Mayra, Joelington, Agatha e Mapô (que pensavam na pista da dança e/ou no corpo ancestral com os fluxos espirituais), ainda estavam fechados à interpretação literal de pista, ritmo e fluxo, diretamente relacionados à ideia de festa ou baile.

Ao longo do programa, provocados por cada encontro coletivo e individual, seus debates e experimentações, bem como nas trocas de consciência entre o grupo, os residentes conseguiram desenvolver uma ideia ampliada do próprio conceito. Isso reverberou na construção de projetos que tinham como premissa a ocupação, vivência e deslocamento de um território a ponto de fluir ritmos e fluxos coletivos.

Nesse ponto, destaca-se a importância da orientação e da presença contínua da coordenação pedagógica, curadoria e produção nos encontros, alternadamente provocando a reflexão do tema de acordo com as especificidades, interesses e poéticas de cada residente. A relação entre os eixos temáticos e a elaboração das pesquisas e/ou objetos de exposição dos residentes ocorreu de forma simultânea, o que trouxe um equilíbrio entre o processo pedagógico e o processo de criação artística.

Este é um ponto de grande importância a ser observado, pois a continuidade dos encontros de orientação coletiva, intercalados com os assuntos abordados pelos professores/convidados, serviu como costura, a partir do entendimento e do impacto causado em cada residente individualmente e que foi compartilhado coletivamente. Isso também pode ser observado na incorporação conceitual de cada obra que foi

Avaliação pedagógica

exposta. Em outras palavras, as conversas ao redor da mesa tornaram-se uma ferramenta para compartilhar interpretações dos conteúdos abordados sob várias perspectivas. Essas perspectivas compartilhadas desenvolveram-se a partir da digestão dos assuntos discutidos, o que poderia ocorrer dias ou semanas depois.

Para alguns residentes esse ponto foi importante para o desenvolvimento artístico e poético como por exemplo Agatha, Aline, Idra e Myllena que participavam da sua primeira residência. A cada encontro, uma estética e materialidade eram incorporadas à ideia de projeto de acordo com o eixo-trabalhado.

No entanto, ao mesmo tempo, isso provocou em outros residentes uma reflexão limitada sobre os temas abordados com os convidados e uma pressão criativa para compartilhar algo com todos. Assim, é necessário atenção ao tempo de reflexão entre o encontro com o convidado, os assuntos trabalhados e o acompanhamento da pesquisa e do projeto.

*

Ainda sobre os encontros de acompanhamento, o curador Jean Carlos Azuis soube trazer um olhar atento às possibilidades e desejos expressados por cada residente, criando uma ponte entre o que se idealiza (a ideia) e o que se concretiza (materialidade/obra). Um ponto a ser destacado é a necessidade de conceituar cada trabalho, o que provocou os residentes a explicar e diferenciar seus trabalhos com base em inspirações e referências. Isso levou os artistas a um estágio mais avançado de desenvolvimento e maturidade artística, a fim de ocupar dispositivos de arte que demandam essa formulação.

Avaliação pedagógica

Assim, influenciados por esse olhar e também pelas experiências da residência principalmente pelos encontros com Marcelo Campos, Rafael B. Queer, Wallace Lino, Anapuaka Tupinambá e Karen Santos, alguns projetos foram completamente alterados para expressar o que representava o processo de formação, como foi o caso dos trabalhos de Preta, Mapô, Aline e Ciana.

Os residentes Melissa e Malvo sentiram-se motivados a expressar o território e os símbolos que representavam os fluxos e ritmos culturais presentes em suas vivências periféricas. Melissa permitiu-se experimentar uma nova linguagem, assim como Myllena, que inicialmente planejava trabalhar com a questão do fluxo e dos deslocamentos pela cidade através da fotografia, mas, durante a residência, decidiu experimentar outras linguagens, como a colagem e a instalação, utilizando elementos e materialidades que simbolizam bem a pista das ruas que a atravessa.

Os residentes Tainan e Bruno foram impactados pela vivência do território, enquanto Ciana explorou o fluxo de travessias e Roberta focou na afetividade da diversão na pista de dança em família. Também houve a incorporação de pesquisas já em andamento ao tema da Elã, como o trabalho de Idra e a passarela como pista que movimenta os fluxos de resistência.

Outros trabalhos seguiram um desenvolvimento contínuo com alterações e/ou acréscimos a partir dos encontros de orientação coletiva/individual, como foi o caso de Mayra, Joelington e Malvo.

É importante mencionar que o incentivo à permanência na residência foi fundamental para que os residentes ampliassem suas possibilidades criativas e se permitissem expressar através de linguagens não familiares, ideais e conceitos trabalhados.

Avaliação pedagógica

De maneira geral, foram apresentados trabalhos inéditos, criados diretamente para expressar o período de residência. Isso reflete o compromisso do grupo com a formação, como um coletivo aberto a ouvir, compartilhar e explorar as possibilidades do campo artístico de uma escola que adota metodologias que abraçam as diferentes linguagens, levando em consideração a diversidade das experiências. Costurar isso não foi uma tarefa fácil, mas o impacto mostrou-se positivo para todos, todes e todas. Isso se refletiu em uma exposição que não se concentrou apenas em aspectos conceituais, mas também afetivos, coletivos e individuais.

A exposição demonstrou toda a complexidade dos fluxos das coletividades em termos de significado e interpretação; e terminou em uma festa, em um baile, mas continua ativa através do ritmo das mensagens, experimentações, encontros e aprendizados nas pistas do galpão.

*Os relatos do processo de desenvolvimento e impacto podem ser encontrados no Anexo I (pág. 105). A pergunta "Como você se sente em relação ao tema agora, no final?" foi empregada como estratégia de avaliação pedagógica comparativa entre o início e o processo de formação relacionado ao tema/conceito da edição - pista ritmo fluxo.

6. AVALIAÇÃO COLETIVA COM A TURMA

Descrição:

Processo de avaliação coletivo desenvolvido com a turma ao final dos ciclos de aula.

Principais objetivos:

Compreender o impacto do projeto do ponto de vista dos próprios participantes. Investigar que tipos de atravessamentos foram promovidos pelas aulas, levando em conta a relação com os professores e entre a própria turma. Investigar como os participantes compreendem seu próprio desenvolvimento.

Avaliação pedagógica

Em relação às aulas e ao cronograma, os residentes elogiaram o empenho da coordenadora Natália Nichols no projeto pedagógico e pela metodologia da Elã, destacando a residência como um processo que se diferencia por seus referenciais contra hegemônicos, que dialogam com as experiências vivenciadas. Os residentes sentiram que a Elã proporcionou a eles uma experiência diversificada, abordando a pista de diferentes maneiras, como o carnaval com Rafa B Queer, a rua com a Gueto Run Crew, Anapuaka como DJ e o paredão de Alan Weber, até mesmo para um tema que inicialmente parecia óbvio. Isso os retirou da zona de conforto e os desafiou a ultrapassar o que já estava estabelecido, auxiliando no aprimoramento de suas pesquisas. Eles perceberam a Elã como uma residência que cria tensão, provocando-os a extrair o melhor de si, incentivando a criação de algo autêntico. Relataram que foram estimulados a explorar o campo da conceituação e da pesquisa, e que a residência consistentemente promoveu a construção de projetos que ampliam o conhecimento, as estéticas e as linguagens no campo da arte, que é tradicionalmente estruturalmente hegemônico e elitista.

Quanto ao tema, observaram que ele os impulsionou a extrair algo do que estavam vivenciando, conforme Taynan mencionou: "nos faz desdobrar em encontrar algo que represente nosso trabalho de forma interessante, sendo instigados a fazer algo diferente".

Entre os pontos positivos, os residentes destacaram que foram impactados pelo trabalho dos outros artistas e pelos conceitos abordados em cada aula, com ênfase na

Avaliação pedagógica

aula de Marcelo Campos. No entanto, expressaram uma maior proximidade com as aulas práticas e de experiência, pois esses momentos da formação conseguiram integrar o que estavam vivendo com o que estavam aprendendo.

Os residentes destacaram a aula de Afrofunk com Karen Santos, afirmando que ficaram surpreendidos ao aprenderem sobre o funk de uma forma teórica e ao mesmo tempo cotidiana. Mencionaram que, sem a orientação dela, nunca teriam imaginado que a dança pudesse ser objeto de pesquisa tão profunda. O mesmo sentimento de surpresa ocorreu durante a Noite das Estrelas, quando descobriram a existência de um movimento LGBTQIAPN+ na Maré nos anos 1980. Isso os levou a refletir sobre "aquilo que existe e não temos conhecimento".

Além disso, destacaram o encontro com Rafa B. Queer e como a visita ao barracão da escola mirim da Grande Rio desempenhou um papel importante ao fazer repensar as formas e possibilidades de criar e conceituar arte. Joelington acrescentou que esse encontro foi incrivelmente valioso, pois na arte, quanto mais bagagem se acumula, mais interessantes e belos se tornam os processos. Isso não se relaciona necessariamente com a produção de algo com os materiais ou experiências, mas sim com a vivência e a experiência compartilhada uns com os outros. Portanto, os processos coletivos se revelam fundamentais e essenciais para o desenvolvimento criativo de cada residente.

Eles afirmam que a escola, de maneira geral, demonstrou preocupação e valorizou as bagagens individuais de cada artista, permitindo assim a compreensão e identificação das dinâmicas e perfis de cada integrante da edição da Elã 2023.

A importância dos encontros de acompanhamento e curadoria foi enfatizada, pois ter alguém para observar, apontar melhorias e auxiliar na correlação de ideias foi

Avaliação pedagógica

fundamental para o sucesso do processo de formação. Embora a Elã seja uma escola que desafia as normas das escolas tradicionais elitistas, muitos residentes ainda se sentiam inseguros em criar, propor e conduzir suas pesquisas. No entanto, na Elã, eles se sentem mais seguros para desafiar e apresentar seus próprios projetos, graças a um processo formativo que enfatiza a provocação do pensamento crítico e a construção conceitual do trabalho, em oposição à mera "exposição".

Outro ponto crucial é sobre as estratégias de permanência. Todos os residentes expressaram sua satisfação por poderem testar e experimentar com materiais que antes não tinham acesso. Dado o recorte de classe e raça do grupo, eles se consideram marginalizados e mencionaram que o apoio financeiro possibilitou a aquisição de materiais e ferramentas que anteriormente estavam fora de alcance. Isso proporcionou um nível de conforto na criação e expressão artística, mesmo com algumas limitações.

As trocas entre os residentes destacam-se como um elemento fundamental, principalmente durante o horário de almoço e na pausa para o café, momentos em que as conexões se fortalecem, promovendo o intercâmbio de conhecimento entre eles. Além disso, é importante ressaltar o papel essencial desempenhado pelo almoço, pois ele possibilitou que os residentes não se preocupassem com a alimentação, transformando a mesa em um espaço de afeto e proximidade.

A única sugestão apresentada é a disponibilidade de um lugar para descanso após o almoço - os residentes improvisam deitando-se nos bancos ou em qualquer espaço vago para relaxar.

Avaliação pedagógica

Entre os pontos de atenção, o conhecimento de algumas aulas não veio à tona de maneira imediata, mesmo que para alguns tenha se desenvolvido depois, o grupo concorda que os temas abordados em cada eixo/encontro parecem ter sido pensados de acordo com as poéticas dos artistas escolhidos, assim o fluxo das aulas intercalaram entre aquilo que se aproxima e/ou se afasta de cada residente.

Ao mesmo tempo que se tinha muito interesse em determinado assunto, outras vezes sentiam total afastamento por não entenderem de maneira clara o sentido da aula, deram o exemplo da aula com Bernardo Magina onde esperavam uma dinâmica mas acabou sendo uma roda de conversa.

A carga horária também foi apontada como um ponto a ser revisto, não no sentido de reduzi-la, mas sim considerando o tempo de permanência dos residentes no galpão e o deslocamento até o local, entre outros fatores.

Em alguns momentos, durante o acompanhamento coletivo, a falta de controle do tempo na fala dos residentes resultou na dispersão dos assuntos discutidos no primeiro momento, sem tempo suficiente para absorver tudo o que aconteceu em um único dia.

Além disso, o modelo de roda de conversa mostrou-se exaustivo em outras ocasiões, levando os residentes a se sentirem esgotados e incapazes de interagir ou realizar outras atividades no final do dia. Em várias situações, esse modelo tornou-se cansativo e disperso. Seguem os relatos de duas residentes:

“A carga horária, teve dias que foram ótimos, principalmente com as dinâmicas como do Gueto Run Crew. Mas tiveram outros dias difíceis; por exemplo, levar a gente até o pico e depois pedir para sentar e conversar. O dinamismo poderia ser revisto. De manhã a visita vem: falou falou e depois acaba. vai embora por ex. o marcelo poderia continuar. Um corte brusco, pois estava no fluxo e queríamos ouvir mais ou partir para uma dinâmica. O dia do Bernardo magina também faltou a prática”

Avaliação pedagógica

“Tem aulas que são muito provocativas no bom sentido e leva o grupo para outro tipo de energia, então seria interessante continuar, mesmo que seja de outra forma. Continuar fazendo algo que esteja relacionado ao tema. Um papel, uma caneta, teoria e prática.”

Sugeriu-se que fosse implementada uma dinâmica que envolvesse escrita, criação e movimento para permitir que o corpo respondesse aos estímulos e não se rendesse ao cansaço. Para isso, propôs-se uma melhor distribuição dos encontros, com o primeiro momento focado na reflexão e o segundo momento mais dinâmico e envolvente.

Outro ponto de atenção foi em relação aos encontros de acompanhamento com a produção, onde alguns residentes se sentiram em desvantagem em relação a outros. Isso não se limitou apenas à distribuição do espaço expográfico, mas também à comunicação, interesse e resolução de problemas. Alguns residentes sentiram que Tainan, Melissa, Idra e Joelington receberam uma escuta mais paciente e interessada. Eles perceberam muitas intervenções em suas obras, que, devido às limitações de elementos de produção, acabaram sendo adaptadas à dinâmica estabelecida para a produção, em vez de ao contrário. Isso levou à percepção de falta de sensibilidade, especialmente para os residentes que estavam participando de sua primeira residência e que não estavam familiarizados com o modelo de comunicação comum para quem já tinha experiência na montagem.

Além disso, houve desconforto com a exposição de assuntos pessoais de forma coletiva, o que constrangeu duas residentes. Elas se sentiram subestimadas em relação às suas habilidades, reduzidas e tratadas com certa inferioridade.

Nesse sentido, sugere-se rever os procedimentos, reconhecendo que, embora estejamos comprometidos com práticas anti-racistas e decoloniais, todos nós, como seres humanos, somos passíveis de erros. Talvez seja necessário mais sensibilidade

Avaliação pedagógica

ao lidar com as diferentes experiências - desde aqueles que não têm experiência até aqueles que têm uma longa trajetória no cenário artístico - reconhecendo que o verdadeiro desafio reside em trabalhar com o que é novo.

O último ponto de atenção refere-se à diversidade do grupo. Os residentes chegaram a um consenso sobre a importância de cuidar para que a inclusão não se limite apenas a um rótulo classificatório, sem considerar a interação com os demais membros. Nesse contexto, é fundamental refletir sobre a relevância do senso de coletividade, especialmente para grupos como indígenas e pessoas LGBTQIPN+. É essencial que haja formas de compartilhar perspectivas e experiências de vida semelhantes, levando em conta suas cosmovisões e vivências.

Em resumo, para os residentes, entre os aspectos positivos e os pontos de atenção, a residência atingiu quase todas as expectativas estabelecidas desde o primeiro dia. Ela teve sucesso nos temas abordados, na proposta pedagógica e nas dinâmicas que estimularam o desenvolvimento de suas pesquisas e trabalhos. Os residentes aprenderam a conceituar e materializar suas ideias relacionadas às pistas, ritmos e fluxos. Por fim, recomenda-se uma maior sensibilidade e equidade no tratamento dos residentes, reconhecendo as diferentes experiências e trajetórias, bem como a necessidade de uma comunicação mais empática e respeitosa.

Avaliação pedagógica

ANEXO I

A partir de uma conversa em volta da mesa, os participantes foram convidados a pensar e se expressar pela pergunta “Como você se sente em relação ao tema agora no final?”. A pergunta foi utilizada como estratégia de avaliação pedagógica comparativa entre o início e o processo de formação relacionada ao tema/conceito da edição - pista ritmo fluxo. No primeiro encontro, todos foram convidados a se apresentar a partir do tema e agora ao fim gostaríamos de saber como isso de fato influenciou a trajetória de cada participante. Abaixo segue os relatos de alguns residentes a fim de possibilitar que a Elã se aproxime da experiência vivenciada pelos artistas em relação ao tema. Joelington abriu a conversa e expressou que no início estava um pouco preocupado com o tema, visto que em sua opinião “caia sempre para um contexto muito Rio de Janeiro” em seguida, vêm os depoimentos dos participantes Mapô, Melissa, Guilherme Kid e Tainan.

*Os depoimentos de todos os residentes serão encaminhados a Elã por e-mail, após a transcrição dos áudios.

Joelington - “O trecho dizia “olhou olhou boca calou” falava sobre como os negros ao sair da fazenda para se refugiar na mata eles ao encontrar outros pretos no percurso, eles diziam isso para ele ficar olhando mas não contar nada e ele fala que eles voltavam sempre à noite para buscar sal, comida e outras ferramentas. E aí eu comecei a me interessar muito nessa relação de percurso, dessas rotas desses negros entre a casa grande e a Mata que a Floresta Amazônica e comecei a pensar então o ritmo e fluxo a partir então de uma história que sempre esteve ali.

Assim, então eu comecei a *pensar para fora* esse ritmo, esse fluxo mesmo de movimento para liberdade que era feito e o meu trabalho também traz muito uma espécie de realza que conversa com isso. Ao meu ver também existia não só

Avaliação pedagógica

escavidão mas coisas belas ali né. Inclusive tem um pensador - Negô Bispo - que ele fala que o quilombo dele não veio e não foi feito por pessoas escravizadas. Isso virou também a minha cabeça porque eu pensei e começa a pensar esses negros não como negros escravizados, mas sim como negros livres. Então eu começo a imaginar uma pista de que é bem glamourosa no sentido de dignidade. Então agora eu tô mais por aí. Então e aí o próprio movimento eu acho quando eu entrei aqui e agora eu sinto que houve vários fluxos de *fazer* e até mesmo de imersão com as trocas de cada um. As aulas foram muito importantes para mim que ainda não tenho uma formação que passa pela academia, então as informações que tem me dado base e corpo na teoria, então assim foi bem interessante esse processo. Acho que tá para além do trabalho mas de certa forma no movimento que eu to fazendo, que a gente tá fazendo enquanto artista e indivíduo nessa pista, nesse ritmo e nesse fluxo.

Mapo - “As encruzilhadas vão se cruzando. Eu não conhecia nenhum desses artistas e repentinamente estão todos na minha vida. Assim eu tô vendo todo mundo vendo a exposições, todo mundo atuando, todo mundo na cena e isso também é muito atravessado. Perceber que a Elã conseguiu contemplar e fez os portfólios ganharem as mesas e de repente todo mundo em exposição, todo mundo lá fora, todo mundo conversando, etc. Isso cria também um outro peso, foi isso que eu senti: que o ritmo e esse fluxo veio com um peso. Por ser uma turma que estava imponente, que tá mexendo no sistema, que está tensionando o sistema - pelo menos aqui o sistema carioca né que a gente sabe como é que é bem burocrático. E aí eu tenho me sentido bem desafiado. Pensei em desistir várias vezes, ir embora e sair correndo. Mas agora eu não tenho mais aquela dúvida de ser artista ou não ser, daquilo que te convence, do que você quer passar, qual é a sua intenção? Tem outros atravessamentos que aconteceram na Elã assim, de colocar acho que tem a coisa das narrativas né, a gente tá dentro de uma favela muito pulsante e aí todas as suas narrativas são sugadas pelo todo. Então tudo fica muito mínimo e aí você tem que explorar o mínimo tirar leite de pedra. Porque acontece muita coisa aqui dentro e aí eu fico vendo, eu olho uma criança e falo: Meu Deus! Aquela criança tá muito melhor ali, tá pensando muito mais coisa. Então a Elã cutuca, sabe? Tenciona muito a gente. Eu gostei embora tenha sido exaustivo pela carga horária, acho que tem que ter mais vezes.

Avaliação pedagógica

Melissa: o tema foi muito bom, acho que contempla a grande maioria. Quando eu entrei eu me senti totalmente encaixada no tema, tem muita relação com as coisas que eu já produzi. Só que você entra com aquela euforia e surge um milhão de possibilidades porque é um tema muito amplo, realmente é um tema que você pode fazer muitas coisas interessantes dentro desse tema. E aí a medida que a residência vai acontecendo, que você vai tentando delimitar para você de fato começa a produzir alguma coisa né Não fique só flutuando no meio das ideias assim vai ficando difícil porque você não quer tipo do trabalho eu não queria que o meu trabalho ele ficasse naquele lugar muito previsível assim sobre o tema. Ah, pista ritmo fluxo tipo para ela falar daqueles temas que todo mundo tá esperando e tipo tem a medida que foi acontecendo assim eu consegui pensar em lugares mais complexo e que não são tão discutidos ou ainda que seja um tema muito discutidos dentro do tema da residência, mas pensar eles de outra maneira. Por isso eu quis desdobrar o meu trabalho para além da fotografia. Porque a fotografia é aquilo que já está dado sabe eu faço documentação então quando as pessoas olham a minha foto aquilo já está dado porque eu to contextualizando uma situação. E aí começar a pensar esse universo fotográfico em outras linguagens, começar a pensar conceitualmente ou em novas formas de comunicar isso, foi uma parte importante e difícil do meu processo artístico na residência com o tema da ELÃ. Eu achei isso interessante, porque pareceu um tema fácil porque você pensa baile, funk em favela, mas chega um momento que você precisa delimitar isso não só para o que você já trabalha mas pensar como tornar isso interessante para além do que todo mundo tá acostumado. Sair de um lugar fetichista. Eu me surpreendi, mas foi desafiador. Eu me desafiei a pensar esse tema que parece óbvio mas é complexo e não previsível. Tudo vai afunilando, eu pensei em fazer um milhão de coisas e na medida que o tempo foi passando eu pensei que não dava pra fazer um milhão de coisas. É melhor fazer pouca coisa, mas um trabalho bom. como você vai fazer algo que não seja igual a tudo que já foi feito? Então esse foi o desafio da ELÃ pra mim, não cair no lugar comum.

Guilherme Kid: Na minha entrevista do ano passado eu me desdobrei quando perguntaram para mim o que eu tinha a ver com aquela proposta só que acabou que eu caí muito no que era óbvio também porque eu falei sobre o racismo ambiental que existe nas periferias do Rio de Janeiro. Só que esse ano, eu me senti instigado a fazer

Avaliação pedagógica

uma parada diferente, isso para mim foi “sinistro” porque eu tive que brigar muito comigo mesmo. Sério, eu sei da minha personalidade, eu sei das minhas questões de ser uma pessoa meio resistente e isso aqui para mim foi uma forma de quebrar um pouco isso. Então eu acho que me ajudou muito, pois é uma residência que não é voltada apenas para o trabalho individual do artista, é sobre vivência e eu acho isso muito brabo. Eu achei aqui, apesar de ser a primeira residência que eu faço, uma proposta que foi a mais humana, voltada mais para as questões humanas.

Tainan: Eu acho que dei sorte, porque eu já estava pesquisando as coisas, eu sou da rua então minha pesquisa é a vida, observando a pista no ritmo da vida. Tudo isso se encaixa bem e para mim no início foi como a melissa falou: tipo aquela piração de mil coisas na cabeça com várias opções, mas no final diante aos acompanhamentos curatoriais, as conversas, as pessoas que vieram visitar e tal, eu acho que a gente foi digerindo no meio do caminho né tudo isso. Eu acho que possibilitou concentrar toda a energia numa coisa só e eu cheguei à conclusão que isso seria o mais importante. Porque apesar de trazer uma pintura e coisas que eu pesquiso elas não estão vindo da maneira que eu sempre faço. Assim, eu já queria fazer por exemplo a questão das malhas mas eu não sabia ainda como que isso ia acontecer e acredito que estar aberto para poder ouvir as pessoas, as ideias desde a produção até a curadoria e os artistas, me ajudou a chegar numa coisa que eu falei assim: é isso que eu quero apresentar porque eu acho que é o melhor que eu poderia fazer.

Realmente surgiram várias ideias, mas esse bate-papo essa troca foi crucial para poder decidir com a exposição. Minha visão da residência é de algo que foi bem orquestrado/planejado, já participei de outras residências mas essa daqui é sem palavras porque as coisas fluem, pela atenção ao trabalho, pela montagem, pela programação e organização, tudo isso foi importante para se relacionar e pensar junto às pessoas que iam participar, o tema e as visitas, às ações tudo foi perfeito. A gente vê na prática uma equipe que forma outra equipe e tem uma grande equipe em vários lugares diferentes que se entrosam.

Pela minha experiência a Elã pôde tirar o melhor de cada um.